



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

SANDRA MOZANE DA ROCHA DA MATA

**A IMPORTÂNCIA DA AQUISIÇÃO DA LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL PARA
O DESEMPENHO ESCOLAR DOS ESTUDANTES NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL.**

Carinhanha – BA, novembro de 2019.

SANDRA MOZANE DA ROCHA DA MATA

A importância da aquisição da leitura e produção textual para o desempenho escolar dos estudantes nos anos iniciais do ensino fundamental

Trabalho de Conclusão Final de Curso, apresentado como componente curricular obrigatório, no Projeto 5 Fase 2, e requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia a distância – UAB, pela Faculdade de Educação/FE - Universidade de Brasília/UNB, sob orientação do professor Dr. José Vieira de Sousa.

Carinhanha – BA, novembro de 2019.

SANDRA MOZANE DA ROCHA DA MATA

Monografia submetida como requisito para obtenção do Título de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Brasília - UNB, em 30/11/2019, apresentada e aprovada pela banca examinadora abaixo assinada:

Profº. Drº. José Vieira de Sousa – Presidente
Faculdade de Educação/PAD/UnB

Profº. Drº. Luiz Henrique de Azevedo Borges – Membro
Faculdade Cambury e Historiador do IPHAN

Profa. Dra. Cleonice Pereira do Nascimento Bittencourt – Membro
Universidade de Brasília – PPGE/FE/UnB

Prof. Msc Carlos Henrique Silva Bittencourt – Suplente
Universidade de Brasília – PPGE/FE/UnB

Dedicatória

A Deus, pela vida que me deste, e a força para vencer cada etapa. E em especial a minha amada mãe dona Marta, por sempre acreditar em mim.

Agradecimentos

A Deus, por me permitir viver este momento belo.

Agradeço a todos que compõem e faz parte desta universidade, corpo docente, administração, servidores e aos colegas discentes, como também a equipe do polo dona Carmen em Carinhanha – BA.

Ao professor Dr. José Vieira de Sousa e ao tutor Dr. Luiz Henrique de Azevedo Borges, pelos incentivos e apoio na elaboração deste trabalho, assim como aos meus caros professores das demais disciplinas estudadas durante o curso.

Grata pelo apoio dos profissionais e alunos da escola João Pereira Pinto, pela colaboração na pesquisa de campo desta monografia.

A meus queridos pais e irmãos, pela compreensão e força durante esta jornada de aprendizagem. Assim como, a compreensão e o carinho de meu esposo durante a elaboração das etapas propostas.

A meus amigos, especialmente a Júlio Cesar G., pela força para prosseguir na caminhada. E a todos que direta ou indiretamente, tornou este momento possível.

“Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre” (Paulo Freire).

RESUMO

As competências de leitura e interpretação textual são essências no constructo dos conhecimentos escolares e de “visão de mundo” do estudante, e por meio delas, inúmeras “potencialidades” podem ser aprimoradas, para o benefício individual e social de quem as utilizam. Neste sentido, este Trabalho de Conclusão Final de Curso teve como objetivo analisar a relação da leitura e produção textual no desempenho escolar dos estudantes nos anos iniciais do ensino fundamental, campo de trabalho do profissional de Pedagogia, em sua função de professor/educador. A metodologia empregada, pautou-se em estudo bibliográfico sobre teóricos que abordam a temática, assim como do trabalho de campo na escola Municipal João Pereira Pinto, na cidade de Carinhanha- BA, situada no povoado de Marrequeiro. Para a execução da pesquisa de campo, utilizou-se de entrevistas direcionadas aos componentes internos à escola: o diretor, às professoras do 2º ao 5º ano do fundamental I, e a aplicação de questionários com os alunos destes anos letivos. Os dados, após coletados, foram analisados por meio de tabelas, gráficos e análises textuais. Em toda a fase de elaboração deste trabalho, a leitura e escrita foram entendidas como imprescindíveis à aprendizagem e desempenho escolar e social dos estudantes. No entanto, a incidência de dificuldades concernentes à aquisição de tais habilidades foi notória e inquietante. Uma das maneiras apresentadas durante a pesquisa para lidar com estes desafios consiste em: aderir metodologias de ensino para incentivar/preservar o hábito de leitura do aluno, tanto para a educação básica, como nos demais níveis de escolarização.

Palavras-chaves – Leitura. Escrita. Interpretação textual. Desempenho escolar. Escola Municipal João Pereira Pinto.

ABSTRACT

Reading and textual interpretation skills are essential in the construction of students' school knowledge and "worldview", and through them, innumerable "potentialities" can be enhanced for the individual and social benefit of those who use them. In this sense, this Final Course Conclusion Paper aimed to analyze the relationship of reading and textual production in the students' school performance in the early years of elementary school, the field of work of the Pedagogy professional, in his role of teacher / educator. The methodology used was based on a bibliographical study on theorists that address the theme, as well as fieldwork at the João Pereira Pinto Municipal School, in the city of Carinhanha-BA, located in the village of Marrequeiro. For the field research, we used interviews directed to the internal components of the school: the principal, the teachers from the 2nd to the 5th grade of elementary school, and the application of questionnaires with the students of these school years. The data, after collected, were analyzed through tables, graphs and textual analysis. Throughout the elaboration phase of this work, reading and writing were understood as essential to learning and school and social performance of students. However, the incidence of difficulties concerning the acquisition of such skills was notorious and disturbing. One of the ways presented during research to address these challenges is to: adhere to teaching methodologies to encourage / preserve student reading habits for both basic education and other levels of schooling.

Keywords - Reading. Writing. Textual interpretation. School performance. João Pereira Pinto Municipal School.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 01: CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL SOBRE A TEMÁTICA: LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL	23
1.1. BREVE HISTÓRIA DA LEITURA E ESCRITA	23
1.2. IMPORTÂNCIA DA LEITURA E DA INTERPRETAÇÃO TEXTUAL PARA A APRENDIZAGEM	26
1.3. ANÁLISE SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO	27
1.4. VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS E PRÁTICAS DOCENTES	28
CAPÍTULO 02: A ESCOLA MUNICIPAL JOÃO PEREIRA PINTO NO POVOADO DE MARREQUEIRO - CARINHANHA - BAHIA	30
2.1. A HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA ESCOLA MUNICIPAL JOÃO PEREIRA PINTO	30
2.2. ESTRUTURA FÍSICA	32
2.3. RECURSOS HUMANOS	33
2.4. NÚMERO DE ALUNOS E ATENDIMENTO	33
2.5. ENTREVISTA COM O DIRETOR	33
2.6. ENTREVISTA COM OS PROFESSORES	36
CAPÍTULO 03: OS ALUNOS RESPONDEM – A RELAÇÃO COM A LEITURA E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL	44
3.1. ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS	78
REFERÊNCIAS	81
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS FUTURAS	83
APÊNDICE	84

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1 – Escola Municipal João Pereira Pinto	32
Figura 2 – Fotografia da sala de aula do 4º ano, na escola M.J.P.P	89
Figura 3 – Fotografia da sala de aula do 4º ano, momento de recolhimento do questionário, escola M.J.P.P	89
Figura 4 – Fotografia do espaço reservado à matemática e a leitura, na biblioteca da escola M.J.P.P	90
Figura 5 – Fotografia do Cantinho da Leitura da sala de aula do 2º ano, na escola M.J.P.P	90

LISTA DE GRÁFICOS:

Gráfico 1 - Perfil dos Alunos Pesquisados	44
Gráfico 2 - Respostas da pergunta de nº 1 – Questionário (2ºano).	46
Gráfico 3 - Respostas da pergunta de nº 1 – Questionário (3ºano).	47
Gráfico 4 - Respostas da pergunta de nº 1 – Questionário (4º ano).	48
Gráfico 5 - Respostas da pergunta de nº 1 – Questionário (5º ano).	49
Gráfico 6 - Respostas da pergunta de nº 2 – Questionário (2º ano).	50
Gráfico 7 - Respostas da pergunta de nº 2 – Questionário (3º ano).	51
Gráfico 8 - Respostas da pergunta de nº 2 – Questionário (4º ano).	52
Gráfico 9 - Respostas da pergunta de nº 2 – Questionário (5º ano).	53
Gráfico 10 - Respostas da pergunta de nº 3 – Questionário (2º ano).	54
Gráfico 11 - Respostas da pergunta de nº 3 – Questionário (3º ano).	55
Gráfico 12 - Respostas da pergunta de nº 3 – Questionário (4º ano).	56
Gráfico 13 - Respostas da pergunta de nº 3 – Questionário (5º ano).	57
Gráfico 14 - Respostas da pergunta de nº 4 – Questionário (2º ano).	58
Gráfico 15 - Respostas da pergunta de nº 4 – Questionário (3º ano).	59
Gráfico 16 - Respostas da pergunta de nº 4 – Questionário (4º ano).	60
Gráfico 17 - Respostas da pergunta de nº 4 – Questionário (5º ano).	61
Gráfico 18 - Respostas da pergunta de nº 5 – Questionário (2º ano).	62
Gráfico 19 - Respostas da pergunta de nº 5 – Questionário (3º ano).	63
Gráfico 20 - Respostas da pergunta de nº 5 – Questionário (4º ano).	64
Gráfico 21 - Respostas da pergunta de nº 5 – Questionário (5º ano).	65
Gráfico 22 - Respostas da pergunta de nº 6 – Questionário (2º ano).	66
Gráfico 23 - Respostas da pergunta de nº 6 – Questionário (3º ano).	67
Gráfico 24 - Respostas da pergunta de nº 6 – Questionário (4º ano).	68
Gráfico 25 - Respostas da pergunta de nº 6 – Questionário (5º ano).	69
Gráfico 26 - Respostas da pergunta de nº 7 – Questionário (2º ano).	70
Gráfico 27 - Respostas da pergunta de nº 7 – Questionário (3º ano).	71
Gráfico 28 - Respostas da pergunta de nº 7 – Questionário (4º ano).	72
Gráfico 29 - Respostas da pergunta de nº 7 – Questionário (5º ano).	73
Gráfico 30 - Respostas da pergunta de nº 8 – Questionário (2º ano).	74
Gráfico 31 - Respostas da pergunta de nº 8 – Questionário (3º ano).	75

Gráfico 32 - Respostas da pergunta de nº 8 – Questionário (4º ano).	76
Gráfico 33 - Respostas da pergunta de nº 8 – Questionário (5º ano).	77

LISTA DE TABELAS:

Tabela 1- Respostas da pergunta de nº 1 – Questionário (2ºano).	45
Tabela 2- Respostas da pergunta de nº 1 – Questionário (3ºano).	47
Tabela 3 - Respostas da pergunta de nº 1 – Questionário (4ºano).	48
Tabela 4 - Respostas da pergunta de nº 1 – Questionário (5ºano).	49
Tabela 5 - Respostas da pergunta de nº 2 – Questionário (2ºano).	50
Tabela 6- Respostas da pergunta de nº 2 – Questionário (3ºano).	51
Tabela 7- Respostas da pergunta de nº 2 – Questionário (4ºano).	52
Tabela 8 - Respostas da pergunta de nº 2 – Questionário (5ºano).	53
Tabela 9 - Respostas da pergunta de nº 3 – Questionário (2ºano).	54
Tabela 10 - Respostas da pergunta de nº 3 – Questionário (3ºano).	55
Tabela 11- Respostas da pergunta de nº 3 – Questionário (4ºano).	56
Tabela 12 - Respostas da pergunta de nº 3 – Questionário (5ºano).	57
Tabela 13 - Respostas da pergunta de nº 4 – Questionário (2ºano).	58
Tabela 14 - Respostas da pergunta de nº 4 – Questionário (3ºano)	59
Tabela 15 - Respostas da pergunta de nº 4 – Questionário (4ºano).	60
Tabela 16- Respostas da pergunta de nº 4 – Questionário (5ºano).	61
Tabela 17- Respostas da pergunta de nº 5 – Questionário (2ºano).	62
Tabela 18 - Respostas da pergunta de nº 5 – Questionário (3ºano).	63
Tabela 19 - Respostas da pergunta de nº 5 – Questionário (4ºano).	64
Tabela 20 - Respostas da pergunta de nº 5 – Questionário (5ºano).	65
Tabela 21- Respostas da pergunta de nº 6 – Questionário (2ºano).	66
Tabela 22 - Respostas da pergunta de nº 6 – Questionário (3ºano).	67
Tabela 23- Respostas da pergunta de nº 6 – Questionário (4ºano).	68
Tabela 24- Respostas da pergunta de nº 6 – Questionário (5ºano).	69
Tabela 25 - Respostas da pergunta de nº 7 – Questionário (2ºano).	70
Tabela 26- Respostas da pergunta de nº 7 – Questionário (3ºano).	71
Tabela 27- Respostas da pergunta de nº 7 – Questionário (4ºano).	72
Tabela 28- Respostas da pergunta de nº 7 – Questionário (5ºano).	73
Tabela 29- Respostas da pergunta de nº 8 – Questionário (2ºano).	74
Tabela 30- Respostas da pergunta de nº 8 – Questionário (3ºano).	75
Tabela 31- Respostas da pergunta de nº 8 – Questionário (4ºano).	76
Tabela 32- Respostas da pergunta de nº 8 – Questionário (5ºano).	77

APRESENTAÇÃO

Há uma crescente preocupação no campo educacional de se debater sobre a aprendizagem da leitura e interpretação textual, sobretudo, com relação ao Ensino Fundamental I (anos iniciais), por serem competências desenvolvidas/aprimoradas no ciclo de alfabetização e refletidas nas avaliações de aprendizagem e rendimento escolar dos estudantes.

Compreender quais os desafios e dificuldades que professores e alunos enfrentam no ensino/aprendizagem dessas competências, assim como, no processo de alfabetização e letramento, são importantes para (re)vermos quais passos foram tomados e de que forma podemos superar as realidades negativas vivenciadas durante este percurso.

A função de educador, requerida aos professores no âmbito escolar, vai além do entendimento sobre as “diretivas” em torno da língua portuguesa. Se faz necessário, a compreensão sobre o “outro”, assimilação de sua “visão de mundo” e a construção de um trabalho dinâmico em sala de aula.

Com um olhar curioso frente à futura profissão, em especial sobre o processo de aquisição da leitura e escrita, o Trabalho de Conclusão Final de Curso ora desenvolvido buscou se aprofundar neste tema, em particular, em relação às experiências teóricas e práticas durante o curso de Pedagogia.

A estrutura do TCFC, segue uma sequência gradual: a parte I, dos relatos sobre a trajetória educativa, expressos no memorial.

Parte II discute a monografia propriamente dita, que foi intitulada de: “A importância da aquisição da leitura e produção textual para o desempenho escolar dos estudantes nos anos iniciais do ensino fundamental”. A Parte II foi dividida em 3 capítulos. No capítulo I: “Contextualização geral sobre a temática: Leitura e Produção Textual” é apresentado os aspectos teóricos que envolvem o tema.

No capítulo 2, expõe-se a pesquisa de campo: “A Escola Municipal João Pereira Pinto no Povoado de Marrequeiro – Carinhanha – Bahia”, numa abordagem de pesquisa qualitativa mostramos o contexto, um pouco da história, as características dos profissionais pesquisados. A utilização de entrevistas com o diretor e professoras do 2º ao 5º ano, Fundamental I, para a análise e exploração a respeito da temática.

O capítulo 3, intitulado: “Os alunos respondem - A relação com a leitura e interpretação textual” revela os possíveis desafios, dificuldades e a “relação de incentivo” permeados entre os alunos e o ensino/contato com a leitura e escrita, numa análise feita dos resultados por meio de tabelas, gráficos e análise textual. O capítulo é seguido das considerações finais.

Na parte III, finaliza-se o trabalho com a exibição das perspectivas acadêmicas profissionais da pesquisadora.

PARTE I – MEMORIAL FORMATIVO

“Tudo que a memória amou já ficou eterno”.

Adélia Prado

Eternizamos os melhores momentos de nossas vidas e por vezes momentos ruins também fazem parte de nossas memórias. Não é diferente em minha trajetória educativa até o momento, cheia de altos e baixos e emoções que por vezes me fazem sorrir ou me lamentar.

Relembrar da educação básica sem falar dos meus pais/família, meus amigos e professores seria um vazio imenso. Como não recordar de quando pequena morando no interior baiano, o esforço de meus progenitores: meu pai nos levava e trazia de bicicleta para e da escola, minha mãe acordava de madrugada para cuidar dos afazeres domésticos e do cultivo da lavoura. Na escola era bom rever os colegas principalmente aqueles que se tornaram grandes amigos... E alguns dos professores desta etapa escolar, visto sempre como referência e inspiradores da profissão.

A escolha do curso tem relação direta com os sucessos que tive (a vontade também de superar a descrença de outros professores que duvidaram de minha capacidade de fazer a atividade proposta, em frente da turma, em uma situação específica). Apesar de desejar essa conquista, não acreditei muito que passaria no vestibular e o resultado de aprovação foi uma ótima surpresa.

Fazer parte dos discentes do curso da Universidade de Brasília é algo fantástico e o curso de Pedagogia, especialmente, nos enriquece com saberes que vão além do que já aprendemos na educação básica. Ele possibilita a construção de um ser crítico e nos oferece a oportunidade de revermos conceitos e preconceitos. Enfim, permite a construção de um conhecimento, antes fundamentalmente prático, com uma importante base conceitual.

Quando cito a educação básica, me vem a memória situações com as quais me deparei em minha vida estudantil e que, no decorrer do curso, tive que desconstruir muito do que imaginava ser o “normal” ou “correto”.

Pensar que houve um período em que não existia a atenção e compreensão de que criança é criança, com direitos de brincar, de se divertir e a viver a fase de acordo com os instintos de sua faixa etária, como percebeu o filósofo e educador chamado Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Tal realidade pode ser

percebida no período da Idade Média, em que o comportamento acima destacado era comumente visto na sociedade, ou seja, a criança era vista como um adulto em miniatura (Livro Emilio, 1762).

Como não lembrar da tão conhecida tendência Pedagógica chamada de Pedagogia tradicional? Ela me deixou grandes cicatrizes, lembro de um ocorrido na sala de aula da 6ª ou da 7ª série, em que uma professora pediu que eu fosse até à frente da turma para responder uma atividade de Português, no entanto eu não queria ir e, como resposta e punição da professora, tive que ir para a “famosa” secretaria para conversar com o diretor e de lá só sairia se fizesse a atividade que a professora ordenara. Aquilo construiu em mim certa resistência e trauma de falar em público, a partir de então me comportei de forma a obedecer e nunca questionar o que o professor ensinava.

Quando estudei sobre as tendências pedagógicas, percebi que me calar durante tanto tempo no processo de escolarização foi muito negativo para mim, tive que reconstruir a ideia de que o correto não é apenas o professor ensinar, mas que todos, professores e alunos e alunos e alunos, podem e têm conhecimentos a serem agregados às aprendizagens, conhecido movimento Histórico-crítico-Dialético.

Tive várias aprendizagens importantes além das que relatei. São vários os autores fundamentais para minha formação como Piaget, Vygotsky, Paulo Freire e, não poderia deixar de falar, do antropólogo e educador Darcy Ribeiro (1922-1997): um dos fundadores, Reitor da Universidade de Brasília - UnB, e defensor da democratização do ensino público e de qualidade para todos. Como não falar também de Anísio Teixeira (1900-1971), educador e escritor brasileiro, conhecido por ser o criador da escola pública no país e figura responsável pela democratização do ensino brasileiro.

Foram as teorias e lutas destes intelectuais que mais me motivaram no processo de aprendizagem na graduação, se fosse citar outros de acordo com as disciplinas cursadas demandariam muito tempo, mas resumidamente destaco aqui a importância do modelo de currículo e interdisciplinaridades no curso de pedagogia (educação inclusiva-Libras, projetos, etc.). Tudo que estudamos são bases essenciais para a nossa formação de educadores e com o papel social que desempenhamos. Destaco também o empenho dos professores e tutores para ensinar os conteúdos e o cuidado em usar metodologias que permitissem o diálogo entre todos os envolvidos

no processo de aprendizagem. Isto reforçou a minha percepção sobre a riqueza de conhecimentos existentes entre nós e assim aprendermos juntos.

Como nem tudo são rosas, e mesmo as rosas têm espinhos, tive algumas dificuldades no decorrer da caminhada, no que se refere ao meio de aprendizagem. Como o ensino é à distância (EaD), o acesso difícil à internet e mesmo a falha frequente de sinal, tornou-se uma preocupação diária e fazia com que os prazos para postagem de atividades, às vezes, não fossem corretamente obedecidos. Outro problema, decorrente do primeiro, era o pouco conhecimento que tinha sobre o uso de ferramentas utilizadas nessa modalidade de ensino, como o “fórum e a webcam”. No entanto, aos poucos, superei tais dificuldades e espero obter melhores rendimentos quando futuramente cursar outra faculdade EaD.

Mas, voltando ao lado bom, uma experiência que me marcou foi a leitura do livro *Dibs em busca de si mesmo* de Virginia M. Axline. O livro conta uma experiência fantástica em uma brinquedoteca com um garoto de jeito tímido e recatado (que sempre era mal compreendido pelos pais, professores) e que com o tempo permite desvendar os mistérios que o cerca e dar uma oportunidade a si mesmo. A leitura do livro foi tão instigante que se tornou um dos motivos pelos quais escolhi o tema do TCC voltado à leitura e produção de textos, pois, Dibs me fez apaixonar pela leitura e perceber este universo com um olhar diferente, não como algo obrigatório (como o ensino quase sempre esteve em minha trajetória escolar) mas com uma visão totalmente diferente.

Neste pensamento de valorizar as conquistas na educação e entender mais profundamente das leis e regulamentações que direcionam (LDB, PCNs, etc.) e a regulamentam, tenho em mente boas perspectivas profissionais, antes, em tempos não muito distantes nossa luta era intensa pelo acesso à educação, hoje, precisamos voltar os olhos para a questão educacional, no diz respeito à permanência dos estudantes no ensino, incentivá-los a valorizar os processos de aprendizagens (à autonomia, criticidade, etc.). Como futura pedagoga e professora pretendo exercer a profissão, aqui mesmo na cidade que nasci, na escola que estudei, com crianças que algumas até conheça, e, se possível, trabalhar com elas projetos de extensões os quais beneficie a aprendizagem escolar como culturalmente à comunidade local.

Atrelados com estes objetivos que citei, pretendo iniciar a carreira profissional por meio de concurso público e adquirir uma vaga como professora no município em que moro. Espero levar para a prática docente as experiências que tive

em oficinas no ensino superior, como também as aprendizagens em geral que o curso proporciona.

Esta primeira etapa de ingresso como profissional da educação e inclusão na prática educativa, norteará minhas perspectivas profissionais, as quais se baseiam no aperfeiçoamento de saberes em dois segmentos: especialização em Educação Infantil (entender melhor as práticas pedagógicas na área da infância) e Educação Especial Inclusiva (tanto com relação a aprendizagem de métodos de ensino como sobre materiais didáticos apropriados).

Para além das perspectivas propostas, pretendo sempre que possível e oportuno, a continuidade da formação, em cursos online, especialmente aqueles que facilitem e aprimorem o desenvolvimento de habilidades essenciais para o trabalho escolar e vida social, em lugares como o que eu moro, em que o acesso ao ensino superior ainda é bastante difícil.

**PARTE II – A importância da aquisição da leitura e produção textual
para o desempenho escolar dos estudantes nos anos iniciais do
ensino fundamental.**

INTRODUÇÃO

Uma das habilidades em comum para o desenvolvimento intelectual e social de uma criança, é sem dúvida, a aprendizagem da leitura e escrita. Desde cedo, se inicia o processo de alfabetização, e para além da vivência familiar, a criança necessita apreender “códigos linguísticos” / símbolos alfabéticos que viabilizam sua socialização.

Mais que mero meio de alfabetização e letramento, a aquisição da leitura e escrita textual possibilita ainda progressivo desenvolvimento em potencial, de um “ser crítico” e ativo, numa sociedade diversificada como a nossa. O ensino dessas habilidades, portanto (prioritariamente nos anos iniciais do ensino fundamental), exerce substancial importância para o desempenho escolar do estudante e suas relações sociais. Os questionamentos sobre o uso da leitura e escrita de textos, especialmente no que tange suas competências, compõem sistemas investigativos em que acadêmicos e professores buscam compreender e aprofundar-se em seus estudos.

Como estudante de pedagogia, amante de literaturas e língua portuguesa, a escolha pela temática, se desenvolveu a partir de reflexões feitas ao longo do curso sobre: os processos de alfabetização e letramento; o contato que tive com oficinas de leituras e uma intrigante constatação à respeito do hábito de ler: segundo dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes – PISA (estudantes matriculados a partir do 7º ano do Ensino Fundamental) mais da metade dos estudantes brasileiros estão abaixo do nível considerado básico de leitura (fonte: OCDE, 2013), ou, segundo dados da pesquisa “Retratos da leitura no Brasil”, constatou-se que 44% da população não lê e 30% nunca comprou um livro.

Neste sentido, este trabalho, tem por objetivo geral: Analisar a relação da leitura e produção de textos no desempenho escolar dos estudantes no ensino fundamental I, e por objetivos específicos pretende-se: examinar as dificuldades no ensino da leitura e produção textual, com o intuito de conhecer as realidades vivenciadas em sala de aula; apresentar estratégias de leitura e escrita utilizadas na educação escolar dos estudantes nas séries iniciais e suas propostas para a aprendizagem dessas habilidades, como também debater ideias capazes de propor a (re)adequação de estratégias para leitura e produção de textos no trabalho docente.

Os aportes e referenciais teóricos que conduziram a pesquisa, baseiam-se principalmente em escritores como Freire (1981, 1990, 2011), Chartier (2016) (e Hébrard (2007), além de estudos bibliográficos e pesquisa de campo.

Para construção da monografia, delimitou-se a abrangência dos temas repartidos em três capítulos. No primeiro capítulo é apresentada uma contextualização geral sobre a temática: leitura e produção textual. No segundo capítulo: é apresentada a escola João Pereira Pinto e são transcritas as entrevistas realizadas com o diretor e professoras da instituição. No terceiro capítulo há a complementação da pesquisa de campo com a aplicação de questionários com os alunos da escola no intuito de conhecer as realidades, desafios, incentivos e como os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental lidam principalmente com a competência da leitura.

CAPÍTULO 01: CONTEXTUALIZAÇÃO GERAL SOBRE A TEMÁTICA: LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

1.1. Breve história da leitura e escrita:

O estudo sobre a “história da leitura e escrita” ganhou nova importância a partir do desenvolvimento da Nova História Cultural com a abertura ou valorização de novos temas para a pesquisa e a análise. Para conhecer o desenvolvimento da leitura e escrita como cita Chartier (2016) a respeito das “revoluções da leitura”, se faz necessário, a compreensão das “tecnologias que transformam os modos de produção ou de reprodução dos textos”, daí a importância de seu estudo, observando a historiografia posta a cada época em seu contexto histórico e social.

A interação social e o desenvolvimento psíquico de uma criança remonta a um processo complexo e com suas peculiaridades. Segundo Vygotsky (2010) a criança inicia seu processo de aprendizagem antes de se inserir no ambiente escolar.

Hoje, não nos parece estranho dizer que a leitura e a escrita caminham conjuntamente no processo de alfabetização, mas elas nem sempre foram tão ligadas. Segundo a historiografia, as práticas escolares de leitura e escrita inicialmente, por uma pedagogia do colégio, formularam um modelo de escolarização nas grandes cidades europeias entre os séculos XIII e o XIV, no qual a princípio funcionava como internatos da faculdade e para estudantes pobres, tendo por referência as organizações educadoras “religiosas” (HÉBRARD, 2007). A catequização se tornou neste período a escola de alfabetização, nela eram ensinadas apenas a leitura pautada em ensinamentos religiosos, ou seja, segundo o catolicismo. Nesse momento, não se percebia a necessidade de que os segmentos menos favorecidos da sociedade aprendessem a escrever.

O uso de material de apoio para aprendizagem da leitura era limitado (nem se imaginava na época que o recurso digital, tablets e outras ferramentas viria a existir), e o modelo de alfabetização que se seguiu até o século XV, denominado Antigo Regime, pautava-se na oralização da escrita, a qual descreve Hébrard:

A aprendizagem da leitura, na pequena escola do Antigo Regime, repousa sobre uma didática bem estranha. Há, de início, uma longa fase em que se aprende não a ler, mas a dizer os nomes das letras, a soletrar. Em seguida, memoriza-se as principais sílabas da língua (latina, em país católico), depois, aprende-se a identificar na

impressão as frases dos padres que, desde muito tempo, sabe-se de cor (HÉBRARD, 2007, p. 15).

Para se ter mais detalhes sobre a população de “leitores”, análises de assinaturas em cartórios foram realizadas em diversos países, tais como: a Escócia, a Inglaterra, a França, os Países Baixos, entre outros lugares. Ainda assim, em decorrência das próprias dificuldades estatísticas, não se pode constatar o número exato de alfabetizados (ÀRIES; CHARTIER, 2009).

No período seguinte, segundo Chartier (2016), a Reforma Protestante foi fator fundamental para o desenvolvimento da alfabetização. Como a salvação passou a se dar no âmbito individual, a leitura bíblica, favorecida pela invenção da imprensa por Gutemberg, ganhou muita importância neste processo.

No entanto, nos locais de predomínio do catolicismo, o “saber ler” ainda se encontrava sob o comando da igreja, ainda que existissem novas oportunidades para a criação de bibliotecas e expansão dos escritos. No século XVII, a partir da iniciativa de Jean Baptiste, é que se insere a conveniência da aquisição da leitura, da escrita como também do cálculo, o que foi considerado como uma verdadeira revolução didática promovida pelos freis das escolas cristãs (HÉBRARD, 2007).

Neste percurso, no século XVIII ocorreram mudanças significativas para a aprendizagem das competências de leitura e escrita, mesmo que este ensino se mantivesse sob as diretrizes religiosas da catequização. Nesta época, a escola passou a dispor da técnica do quadro negro/lousa como prática não apenas dos “colégios elitistas”, o que proporcionava aos professores responsáveis pelo ensino na educação pública, a utilização dessa ferramenta em sala de aula. Outro ponto a ser destacado foi a expansão da escola pública no decorrer do período. Isto possibilitou a acessibilidade, o contato mais próximo dos escritos por parte dos alunos e uma leitura mais flexível, visto que as editoras da época, com os livretos baratos, também foram fundamentais para a difusão da cultura escrita. Mesmo assim, a leitura ainda era dominada pelos grupos privilegiados e sua incidência para a população mais comum, especialmente a que vivia no campo, era bem menor.

A aprendizagem, nas escolas, se norteia pelo “tripé” relativo ao ato de ler-escrever-contar, nesta fase, não se adota como metodologia de ensino, somente a leitura em voz alta, semelhante ao que se propunha em períodos anteriores, de acordo com Hébrard (2007). As impressoras mecânicas multiplicaram as obras escritas assim

como as oportunidades de leitura. Uma nova prática, entre os séculos XVIII e XIX, também se estabelecia, a denominada leitura silenciosa. O leitor passava por um novo modelo de interação com o texto lido, diferente do que ocorria com a leitura em voz alta que predominou durante séculos.

A leitura silenciosa se torna uma prática cada vez mais comum, pois ela permite que o leitor reflita com mais detalhes ou mesmo tenha uma relação mais direta com o autor do texto, com os argumentos apresentados, seja concordando ou discordando de seu escrito. Dessa forma, para que ele interiorize melhor os conceitos e ideias do autor, é fundamental um ambiente tranquilo e silencioso como é o caso das bibliotecas escolares e as chamadas bibliotecas populares: fundamentais para alcançar mais leitores.

Estudos revelam que nos séculos XIX e XX houve uma modificação nos sistemas de autoridades reconhecidas em relação ao ensino. Segundo Chartier (2016), no século XIX a escola ficou sob o direcionamento dos ministros da instrução pública e no final do século seguinte as autoridades reconhecidas, além das estatais, seriam as instâncias internacionais de avaliação, modificando e criando assim, diretrizes, projetos e até mesmo as legislações que regulam/regularizam a educação escolar atual. Passou-se a enfatizar a escolarização em massa e o ensino, paulatinamente, tomou a forma em que tantos educadores e escritores defendem (como Vygotsky, Piaget, Paulo Freire, entre outros): uma escola que valoriza o aluno e seu conhecimento prévio, uma escola em que o processo de interação e de construção do conhecimento vai além de um sistema pré-formulado, envolve a construção intelectual, moral e social, num processo contínuo e dialético.

A historiografia da leitura e escrita no Brasil possui muitas semelhanças em relação ao que ocorreu na França, ou em outros países. Uma dificuldade adicional vivenciada pelo país foi, durante o período colonial, a proibição de instalação de gráficas no país. No decorrer do século XX, com a obrigatoriedade da educação básica, a população brasileira elevou seu nível de alfabetização.

Atualmente, a sociedade enfrenta novos desafios com a acessibilidade dos escritos, a diversidade dos meios e das opções de leitura, em particular, os provenientes pela informática. Se, de certo modo essas mudanças oportunizam benefícios à escola e aos leitores, por outro lado, uma dúvida se faz presente: como a escola irá se apropriar dessas novas tecnologias, especialmente no ensino infantil?

1.2 Importância da leitura e da interpretação textual para a aprendizagem

Para refletir sobre a importância da leitura e da interpretação textual, defende-se aqui a concepção proposta por Paulo Freire (1921-1997) sobre a alfabetização, a leitura do mundo e a leitura da palavra. Segundo o citado autor, “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1981, p. 31). Ou seja, para discutir a relevância do ato de ler, Paulo Freire inicia seu argumento relatando um pouco de sua infância, o contato familiar com seus pais, bichinhos de estimação, árvores, brincadeiras, etc., como sendo o “mundo” ao qual, quando criança, teve contato e onde ele o compreendia por intermédio da leitura dele feita, constatação que complementa – além de escrevê-lo, ou reescrevê-lo, tal leitura poderia ser transformada a partir da prática consciente, por isso, a importância do ato de ler. Segundo Freire (1981, p. 31) Concluindo estas reflexões em torno da importância do ato de ler, que implica sempre percepção crítica, interpretação e ‘reescrita’ do lido”.

A palavra escrita, como já exposto, é de suma importância para as práticas escolares no intuito de que a escola possa exercer sua função social, possibilitando ao estudante o uso dessas aprendizagens para um bom desempenho escolar e, para além do ambiente escolar, como cidadão, para o seu uso profissional, dentre outras atividades, somado às “leituras” prévias dos alunos, que no decorrer do processo de escolarização permite (re)construir os conhecimentos e reportar a novos conhecimentos (MATENCIO, 1994, p. 16).

Mas a indagação que surge, se refere ao trabalho escolar com estas competências, como se desenvolve/compõe a aprendizagem da leitura e da escrita nas escolas? Esta questão se problematiza com a crítica que Matencio (1994) faz às concepções de ensino e aprendizagem da palavra escrita nas escolas: ao referir-se ao processo de alfabetização tido somente por mera transcrição da oralidade, ou a ação de aprender a estrutura da escrita, noções sobre a relação entre escrita e oralidade, decifração de signos linguísticos resumido a um método cumulativo e desgastante, sem se importar por exemplo, com o processo de sociabilização em que Paulo Freire anteriormente descreveu. Estas constatações, entretanto, não devem ser associadas à incapacidade do professor em ensinar ou do aluno em aprender, mas numa análise da construção de significado e atribuição de sentidos tanto dos

elementos linguísticos, quanto de atividades culturais nas quais as escolas deveriam se orientar, o que muitas vezes não acontece (ibid., p. 26).

Existem várias características que diferenciam as modalidades da leitura e da escrita, contudo, ambas têm em comum a relação histórica do conhecimento, individual e coletivo (MATENCIO, 1998, p. 28). Assim, há a necessidade do contato cotidiano, por parte dos alunos, dos professores, dos pais e da comunidade em geral, com os dois universos.

Tanto a leitura como a escrita possuem um universo de possibilidades, em diferentes situações da vida. Quando criança, o estudante inicia seu processo de alfabetização ainda com poucos saberes sobre a escrita e a leitura e é na escola, com os procedimentos didáticos e o trabalho de intervenção do professor, que estas aprendizagens se materializam, além, é claro, da compreensão do mundo que o cerca.

Tal compreensão perpassa para outras disciplinas escolares (por exemplo: matemática), ampliando a capacidade de interpretar diferentes “textos”, além da leitura e escrita em sua forma tradicional. O seu domínio também implicará em maiores possibilidades de êxito profissional no futuro.

1.3. Análise sobre alfabetização e letramento

Existem “definições” não homogêneas no que se refere ao conceito de alfabetização. Segundo Klein (2002) isto ocorre devido as relações do homem com as coisas sofrerem mudanças e assim os conceitos também mudarem, mas, um consenso comum a respeito da alfabetização seria: a apropriação de uma certa modalidade da linguagem, a escrita, como forma de representação da realidade.

Para Gramsci (1983 apud ABREU, 1999, p. 3) a alfabetização, como conceito e prática, está estreitamente ligada ao social, ou seja, as características que envolvem a “configuração de conhecimento e de poder e à luta política e cultural pela linguagem e experiência” (FREIRE, 1981, p.1). Para o educador brasileiro, a alfabetização é uma prática política e que, no processo educativo, não existe a “neutralidade” da educação (Ibid. p.7- 8).

Compreendidas as relações entre educação e “política”, defende-se que a alfabetização seja compreendida também como uma forma emancipadora, social e cultural, que contemple as pessoas no processo de transformação da sociedade e

propõe assim a amplitude de possibilidades de vida e liberdade humana (FREIRE, MACEDO, 1990, p.16).

Ela refere-se igualmente a extinção do analfabetismo: compreendido comumente pela incapacidade de ler e escrever, o que para Freire e Macedo, seria um problema social vinculado à construção ideológica dos grupos dominantes. Também são desenvolvidas críticas para a pedagogia que visa uma alfabetização elitista, ou classificatória, ou seja, uma educação voltada para os grupos privilegiados.

A alfabetização, portanto, deve ser compreendida em sua totalidade. Há a necessidade desse empoderamento de que Freire trata (*empowerment*) como processo construído no interior de cada relação de poder (na função professor ou aluno, por exemplo), tornando cada estudante um agente individual e socialmente constituído para a ação dialética com o mundo (FREIRE; MACEDO, 1990, p.7-12) e que também é transformadora, sonho este concebido por meio de uma alfabetização crítica.

A partir dessa leitura crítica do mundo e da palavra é que se adere à construção histórica quanto as práticas pedagógicas ao sentido de uma alfabetização como forma política cultural, ou seja, nas dimensões social, cultural, política e econômica do cotidiano do aluno em sua escolarização e interação com os pares, ao se produzir conhecimentos, subjetividades, ou mesmo utilizar-se da “análise crítica” frente às leituras e escritos.

Na escola a aprendizagem dos códigos linguísticos, das estruturas sintáticas superam às questões restritas muitas vezes ao tema alfabetização e interpretação textual. É comum a utilização de atividades de produção de textos que se detém comumente à prática de ortografia e à pontuação, o que prejudica a aprendizagem eficiente dos usos linguísticos e reduz o interesse do estudante pelas aulas e atividades extracurriculares de leitura por exemplo.

1.4. Variações Linguísticas e práticas docentes

É notório que no Brasil existem muitas diversidades, são elas: culturais, étnicas, econômicas, regionais, linguísticas, dentre outras. Apesar da Língua Portuguesa ter se estabelecido no país, o monolinguísmo consiste numa utopia em que, até mesmo no ápice do uso de uma determinada língua, coexiste a heterogeneidade.

Segundo Santana, José e Neves (2015), “a língua portuguesa no Brasil apresenta diferentes estilos, se comparada a língua falada em Portugal”, tanto ao se tratar de ordem fonética quanto à semântica (significado das palavras), nisto já se percebe a existência de variações na língua.

Um outro ponto importante quanto às variações linguísticas é o fato da presença em contexto geral, de dois parâmetros básicos para analisá-las: a variação geográfica ou diatópica que possui relação com as diferenças linguísticas distribuídas no espaço físico, distintas origens geográficas e a variação social ou diastrática, ou seja, está associado à identidade do falante e a instituição sociocultural da comunidade de fala (idem, ibidem).

Além dessa compreensão sobre variações linguísticas, o uso que se faz da língua também são fatores que devem ser observados. Ao citarem a expressão: “Nem tudo que se escreve se fala, nem tudo que se fala se escreve”, as autoras citadas anteriormente, supõem que no cotidiano adota-se a linguagem formal e informal, e nisto se percebe e também se distingue a questão de oralidade e escrita (idem, ibidem).

Para o ensino de língua portuguesa na escola muito se usa o ensino intrínseco da gramática, sem ao menos se pensar em seu uso social, e nisto emerge a necessidade de aprendizagem “corretamente” da língua padrão. Neste sentido, muitos professores têm pautado seu ensino somente com esta finalidade e não se importa com as questões de variações linguísticas, por exemplo: ao corrigir publicamente um aluno devido sua forma de se comunicar, sem considerar os “ambientes” que pode se utilizar determinada variação linguística ou na comunidade deste aluno este uso lhe é familiar.

A incidência desse tipo de preconceito é também uma forma de discriminação. Ao contrário do que ocorre, deveria utilizar-se do que o aluno já aprendeu socialmente, ao mesmo tempo em que se instiga o uso formal da língua, mas respeitando as variações linguísticas, pois elas fazem parte da constituição do sujeito, em sua totalidade e isto nada tem a ver com a valorização do “erro” frente ao ensino da língua portuguesa.

CAPÍTULO 02: A ESCOLA MUNICIPAL JOÃO PEREIRA PINTO NO POVOADO DE MARREQUEIRO – CARINHANHA – BAHIA

2.1. A História e desenvolvimento da Escola Municipal João Pereira Pinto

Com a finalidade de entender a importância da prática de leitura para os alunos dos anos iniciais do ensino fundamental I, realizou-se uma pesquisa de campo na Escola Municipal Francisco Marcelino da Silva que passou a se chamar João Pereira Pinto. O primeiro nome da escola faz jus ao antigo morador chamado de Francisco Marcelino da Silva conhecido popularmente por Chico Marrequeiro, declarante dono das terras. Até o ano de 2011 a escola era denominada de Escola Municipal Francisco Marcelino da Silva, a partir do dia 07 de setembro de 2012, propôs-se que o nome do novo prédio se chamasse escola municipal João Pereira Pinto. O nome atual da escola refere-se a um morador de um povoado vizinho, que morou certo tempo nesta região. Sua escolha causou alguma divisão na população quanto ao nome, porém, apesar das reuniões em comunidade e mesmo na Câmara dos Vereadores, optou-se por permanecer com a nomenclatura no intuito de favorecer o andamento da dinâmica de trabalho interno da escola. Inicialmente, neste capítulo será apresentada a história e estrutura física e humana da escola. Além disso, realizou-se, uma pesquisa de campo que contou com a colaboração do diretor e das professoras que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental, ambos entrevistados pela pesquisadora.

A escola está localizada na Comunidade do Povoado de Marrequeiro, zona rural que dista 54 km da sede do município de Carinhanha-Bahia. Ela é administrada pela Secretaria Municipal de Educação.

Sabe-se que as terras onde se encontra a comunidade escolar são do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que começou a ser invadida por volta da década de 80 e que, após tentar desapropriar seus invasores, decide doá-las às pessoas desfavorecidas vindas de toda a região.

Diante disso surgiu, em meados da década de 1990, a Associação de Pequenos Produtores e Agricultores do povoado Marrequeiro, órgão responsável em organizar as famílias assentadas, buscando terras, moradias e trabalho.

A Escola Municipal Francisco Marcelina da Silva, na comunidade de Marrequeiro, foi inaugurada pelo prefeito Francisco Lima Cunha em 02 de setembro

de 1991, pela portaria de nº 647/91. a Escola Municipal Francisco Marcelino da Silva. Inicialmente atendia da pré-escola à 4ª série do ensino fundamental, com uma capacidade de cem alunos em dois turnos diurnos.

Em se referindo à estrutura física, a antiga escola possuía apenas duas salas, um banheiro e uma cantina. Com o passar dos anos a população cresceu e com isso surgiu a necessidade de ampliar o estabelecimento educacional. Na gestão do prefeito Raimundo Antônio da Silva foram construídas mais três salas de aula em 1997.

Neste momento chegaram à comunidade as primeiras professoras formadas em magistério, professora Maria da Conceição, professora Eva Rubens, professora Maria da Luz Pereira de Oliveira e professora Marlene Pereira Neves. Tempos depois, por necessidade de organização escolar e crescimento da comunidade, faz-se necessário a ampliação das séries e do quadro de professores. Em 1998 a escola passou a atender também da de 5ª à 8ª série.

Em 2010, iniciou-se a construção de um novo prédio escolar, com o objetivo de atender a demanda da população que continuou em crescimento e, conseqüentemente, demandando por um espaço físico suficiente e adequado para suprir a Comunidade Escolar.

Em 07 de setembro de 2012, o Povoado de Marrequeiro inaugurou a nova Instituição Escolar para o funcionamento do Ensino fundamental I e II e, posteriormente, o ensino médio com Intermediação Tecnológica EMITec, dando sequência aos trabalhos dos anos letivos e, como já foi ressaltado, alterou sua denominação para Escola Municipal João Pereira Pinto.

Figura 01: Escola Municipal João Pereira Pinto



FONTE: FOLHA DO VALE. “Escola modelo é inaugurada no povoado do Marrequeiro em Carinhanha”. Disponível em: <https://folhadovale.net/escola-modelo-e-inaugurada-no-povoado-do-marrequeiro-em-carinhanha.html>. Acessado em: 05/10/2019.

2.2. Estrutura física

A escola conta com uma área construída de 1.400 m² em um terreno de 10.000 m² para atender os seus 270 alunos, segundo o senso de 2019.

- 9 salas de aula.
- 10 banheiros.
- 1 auditório.
- 1 quadra de esportes.
- 1 diretoria.
- 1 biblioteca.
- 1 sala de coordenador.
- 1 sala de professores.
- 1 cozinha e cantina.
- Áreas de serviços
- 1 Salas de espera

2.3. Recursos Humanos

A escola conta com 30 colaboradores, entre professores, servidores e monitores, divididos da seguinte forma:

- 16 professores.
- 1 Coordenador Pedagógico.
- 1 Vice-Diretora.
- 2 merendeiras.
- 3 faxineiras.
- 1 Porteiro diurno.
- 2 Vigias noturno.
- 4 monitores.

2.4. Número de alunos e atendimento

Como já foi mencionado, a escola conta atualmente com 270 alunos. Ela atende a Educação Infantil (alunos a partir de 4 a 5 anos de idade), Ensino Fundamental I do 1º ao 5º ano, Ensino Fundamental II do 6º ao 9º anos e EJA do 8º e 9º ano. Ela funciona nos três turnos: matutino, vespertino e noturno.

Ela possui dois programas denominados: Nova Mais Alfabetização que conta com 1 (um) monitor e o Novo Mais Educação, este com 3 (três) monitores.

2.5. Entrevista com o diretor da escola:

1. Qual é o seu nome?

R: José Roberto Santana

2. Qual é a sua formação acadêmica?

R: Graduado em Geografia, formação no antigo magistério e cursos na área educacional, por exemplo: Usos e prevenção de drogas na escola pública.

3. Qual o tempo de atuação na área da educação?

R: Aproximadamente 20 anos nas escolas do município.

4. Há quanto tempo exerce o cargo de direção nesta escola?

R: Há 2 anos

5. Com relação ao ensino da leitura, como o senhor percebe a importância da prática de leitura no processo de aprendizagem dos alunos? Quais atividades/programas foram ou são desenvolvidas (em sua direção) no sentido de aprimorar a leitura e compreensão textual?

R: Muito importante, pois através da leitura avaliamos o desempenho escolar da criança. Na escola temos aula de reforço em horário oposto, cantinho da leitura em sala de aula e na biblioteca para aprimorar a leitura e compreensão textual, contamos ainda, com o reforço dos programas: **Novo Mais Alfabetização** para o 1º e 2º anos e **Novo Mais Educação** que contempla do 3º ao 9º ano, entre outros.

6. Nas turmas 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental, quais programas de incentivo à leitura foram ou são apresentados para a direção da escola por parte dos professores? Caso existam, quais destes programas foram implantados?

R: Foram apresentadas atividades complementares, por exemplos: Cantinho da leitura, Histórias individuais apresentadas pelos alunos (com a escrita textual e/ou imagens) e a apresentação de Jogral.

7. Nas reuniões entre a comunidade escolar, é apresentado alguma dificuldade com relação à leitura e escrita dos alunos do 4º ou 5º anos? Se sim, qual/quais?

R: Sim, dificuldades de interpretação de textos, não respeito às pontuações, acentuações e aos tempos verbais, dificuldades estas válidas tanto para a parte escrita como a oral.

8. Como o senhor considera o rendimento escolar dos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, como diretor da escola, concernente à leitura?

R: De acordo com os apoios familiares, devido muitos pais não saberem ler, fica muito das vezes por parte da escola essa função, sendo assim, classifico o rendimento ao nível favorável, seria bem melhor o rendimento escolar se tivéssemos um apoio maior da família.

9. Gostaria de relatar alguma experiência positiva entre a comunidade escolar (interna), envolvendo a aprendizagem da leitura dos estudantes do Ensino Fundamental I sob sua direção?

R: Uma das metodologias positivas que veio para ajudar e favorecer a leitura de nosso alunado, que deu certo, é a construção de gráficos que mostram em descritores onde a turma precisa de um reforço maior, facilitando para o professor o “planejamento” frente as dificuldades expostas em gráficos.

10. A Secretaria Municipal de Educação propõe alguma atividade, ou projetos que envolva a participação de toda a comunidade escolar em atividades ou oficinas de leitura na escola em que o senhor dirige. (Podem ser atividades que envolvam a formação continuada de professores, por exemplo: palestras)?

R: Todos seguimentos: Educação Infantil, Fundamental I e II, participam durante o ano letivo de encontros pedagógicos promovidos com a secretaria de educação, sempre preocupando com o aprender da própria escola e de todo o município, respeitando os currículos propostos pela nova base curricular – BNCC e sempre visando a melhoria do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica – IDEB. Em forma de seminários, palestras, oficinas temáticas, todos os eventos são realizados em polos ou na sede, no intuito de pôr em prática no cotidiano da escola os novos conhecimentos agregados.

11. Espaço para complementações do diretor da escola sobre a temática da entrevista, caso queira:

R: Durante todo ano letivo, a direção da escola, com o coordenador pedagógico, professores e pais ou responsável de alunos, procuramos através de reuniões, conselho de classe, eventos recreativos e esportivos, fortalecer o vínculo social de escola, família e comunidade local, para o aprendizado do aluno e o convívio em sociedade.

2.6. Entrevista com professores:

Foram entrevistadas 5 professoras que lecionam em turmas do 2º, 3º, 4º, 5º (A) e 5º (B). As profissionais pesquisadas ministram todas as disciplinas em suas turmas.

Quadro 01: Caracterização do Universo da Entrevista

Nome	Turma	Formação/ disciplinas que leciona	Tempo de atuação na educação	Tempo que leciona na escola
Joana D'Arc dos santos Silva	2º	Formada no Antigo Magistério e Geografia / Todas as disciplinas do Fundamental I	15 anos	6 anos
Mayre Santos Silva	3º	Pedagogia / Todas as disciplinas do Fundamental I	18 anos	15 anos
Maria Madalena C. Silva	4º	Geografia e pós graduada em Gestão Ambiental/ Todas as disciplinas do Fundamental I	21 anos	2 meses e poucos
Sandra Rocha de Almeida Sena	5ºA	História / Todas disciplinas do Fundamental I	18 anos	10 meses
Valéria Pereira Magalhães	5º B	Pedagogia / Todas as disciplinas do Fundamental I	19 anos	14 anos

Quadro 02: Questões sobre Leitura e Interpretação Textual

Questões	Respostas
Nº 1	Em sua opinião, qual a importância das competências de leitura e interpretação textual para a disciplina que o senhor (a) leciona e para a formação do aluno?
Prof. ^a Joana	A leitura e a interpretação é importante em todas as disciplinas pois as mesmas nos permite compreender e entender o que lemos.
Prof. ^a Mayre	É de suma importância a leitura e interpretação oral e escrita, pelo fato de estarem concluindo um ciclo de alfabetização, pois nessa etapa as habilidades voltadas para estas áreas são essenciais.
Prof. ^a Maria Madalena	A leitura e a interpretação textual, é um dos fatores mais importantes em todos componentes Curriculares, pois todos eles exige leitura e interpretação, e nós temos que ter esses hábitos, porque quanto mais praticamos, com certeza, facilitará para discorrermos um texto, num concurso por exemplo, sem falar no mercado de trabalho que a prioridade é para aqueles que estão ativos nos assuntos atuais.
Prof. ^a Sandra	Para adquirir habilidades de interpretação de texto diversificados, enriquecimento de vocabulário, capacitação de compreensão de ideias, além de aquisição de conhecimento de visão de mundo.
Prof. ^a Valéria	Muito importante, pois estas competências dão ao aluno a capacidade de compreender as situações problemas, na trajetória escolar e no cotidiano.

Nº 2	Quais atividades são desenvolvidas em sua turma para promover a leitura e a interpretação de textos?
Prof. ^a Joana	Vários recursos são utilizados: leituras de imagens, jogos, contação de história, diversidade de textos. Pois nessa fase de aquisição da leitura é importante utilizar atividades atrativas e lúdicas.
Prof. ^a Mayre	Prática de leitura individual e coletiva, jogos, brincadeiras, leitura de imagem.
Prof. ^a Maria Madalena	Leitura e interpretação de diversos textos como: Poemas, Fábulas, músicas, dramatização, adivinhas entre outros.
Prof. ^a Sandra	Leituras compartilhadas, silenciosas/individual, leitura com interpretação oral e escritas, roda de conversa entre outros.
Prof. ^a Valéria	Leitura e interpretação, histórias, contos, dramatização.

Nº 3	Quais as dificuldades na execução dessas atividades?
Prof. ^a Joana	A falta de interesse por parte dos alunos e a falta de acompanhamento e incentivo da família.
Prof. ^a Mayre	Contemplar todas particularidades de todos os alunos, sabendo que ainda encontram alunos com o nível pré-silábico e silábico.
Prof. ^a Maria Madalena	Na sala de aula existem alunos vários níveis, ou seja, uns mais avançados que os outros, e aqueles que não sabem ler, acaba atrasando os outros.
Prof. ^a Sandra	A falta de concentração por parte dos alunos, ausência do hábito da leitura.
Prof. ^a Valéria	De aprendizagem de alguns alunos e a falta de interesse dos mesmos.

Nº 4	Como o (a) senhor(a) supera as eventuais dificuldades encontradas no ensino da leitura e interpretação textual em suas turmas?
Prof. ^a Joana	Dou aula de reforço e incentivo os alunos a ler levando-os a biblioteca para escolherem o livro. Logo após a leitura faço questionamento e roda de conversas.
Prof. ^a Mayre	Busco agregar atividades diversificadas, reforço escolar, parceria com a família que é fundamental na vida das crianças.
Prof. ^a Maria Madalena	Primeiro lugar, tendo paciência com a turma, depois, procuro buscar atividades diferenciadas para motivar os alunados.
Prof. ^a Sandra	Mudando o método de acordo com a necessidade que surge durante à atividade, buscando sempre interagir com a turma e com a atividade.
Prof. ^a Valéria	Persistindo em elaborar essa atividades através de leituras interativas.

Nº 5	Como os alunos costumam responder às atividades desenvolvidas em sua disciplina?
Prof. ^a Joana	Bem. A maioria dos alunos fazem atividades escritas outros preferem a oralidade mesmo sabendo ler e escrever.
Prof. ^a Mayre	A maioria responde bem às atividades propostas, são participativos, usam clareza nas respostas das atividades, sabendo que a minoria não consegue alcançar os objetivos devido ao seu nível de aprendizagem.
Prof. ^a Maria Madalena	Uns são mais rápidos que os outros e aqueles que ainda não acompanha a turma a professora ajuda individualmente e em seguida, faço a correção em conjunto.
Prof. ^a Sandra	Depende muito do tipo de atividade.
Prof. ^a Valéria	Alguns contemplam os objetivos outros não.

Nº 6	O senhor (a) entende a tecnologia como uma ferramenta que pode auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos, em particular, para a leitura e interpretação de textos? Como?
Prof. ^a Joana	Diante da atual realidade os meios tecnológicos podem ser nossos aliados, contribuindo para o desenvolvimento e incentivo à leitura. Incentivando os alunos a lerem através de sites e jogos, sobre variados assuntos orientando a dar seu ponto de vista sobre os diferentes temas.
Prof. ^a Mayre	É importante para a prática pedagógica, eu mesma costumo utilizar por exemplo: computador interativo, notebooks entre outros, mas, quanto aos alunos, nem todos tem acesso aos equipamentos tecnológicos.
Prof. ^a Maria Madalena	Sim, porque a tecnologia fornece vários aparatos que o aluno pode favorecer como por exemplo: -Fazer pesquisas; - Leituras para melhorar seu vocabulário; -Melhora a escrita e outros. Por outro lado, temos que ficar atentos para que o aluno não descubra o lado negativo da tecnologia que pode levar até a morte a exemplo dos encontros maldosos através dessa ferramenta.
Prof. ^a Sandra	A escola enquanto espaço de formação, tem que se adaptar a essa nova via do conhecimento, mesmo porque estamos com uma geração que está o tempo todo com alguma destas ferramentas tecnológicas nas mãos. E a escola tem que buscar a interação de propostas tecnológicas educacionais para inserir no currículo da unidade escolar.
Prof. ^a Valéria	Muito importante, pois traz informações, o desenvolvimento do trabalho já que ela está inserida no contexto social do aluno.

Nº7	É comum os professores da escola compartilharem experiências com relação à prática pedagógica?
Prof. ^a Joana	Sim, essa troca de experiências nos ajuda a avaliar a nossa prática em sala de aula.
Prof. ^a Mayre	Sim, sempre compartilhamos.
Prof. ^a Maria Madalena	Isso é relativo, eu por exemplo gosto muito, porém, existem muitos que fazem tudo no calado.
Prof. ^a Sandra	Às vezes.
Prof. ^a Valéria	Sim, sempre.

Nº8	O (a) Sr. (a) já desenvolveu e compartilhou experiências e/ou materiais com outro professor? Se sim, qual/quais?
Prof. ^a Joana	Sim, releitura de texto produzido pelos alunos.
Prof. ^a Mayre	Sim, materiais pedagógicos por exemplos: Livros, textos, jogos, brincadeiras e as experiências do cotidiano escolar.
Prof. ^a Maria Madalena	Sim, são tantos! No ditado por exemplo, cada ditado você determina um tema. São João, casamento, escola, família e outros, em seguida dita apenas as palavras, objetos ou comidas de acordo o tema, funciona muito bem.
Prof. ^a Sandra	Sim, um projeto chamado Gincana da Leitura com diversos gêneros textuais.
Prof. ^a Valéria	Sim, atividades extraclasse, interdisciplinaridade, junções entre turmas (5º A com 5ºB por exemplo).

Nº 9	Qual a dica que daria aos futuros professores sobre a prática pedagógica (especialmente sobre o ensino da leitura e escrita de textos) para obter êxito nas atividades em sala de aula?
Prof. ^a Joana	Que se tratando do tema “Leitura e escrita” é muito comum encontrarmos alunos com dificuldade em desenvolver habilidade da leitura e escrita. Diante de tal situação é necessário que tenha muita paciência, persistência e dedicação em sua trajetória buscando estratégias, usando dinâmicas que possam garantir a aprendizagem dos alunos.
Prof. ^a Mayre	Manter sempre a curiosidade em aprender, ser pesquisador, ser humilde e, sempre que preciso, buscar ajuda com os colegas de trabalho.
Prof. ^a Maria Madalena	Em 1º lugar ter responsabilidade e compromisso com a escola. Em 2º lugar estudar , pesquisar, buscar novos métodos de ensino para que assim, os alunos tenham prazer em estudar com determinada professora, em 3º lugar , ter amor pelas crianças e gostar do que faz, assim com certeza você obterá êxito nas atividades na sala de aula.
Prof. ^a Sandra	Inserir a tecnologia como ferramenta de conhecimento, conquistar os pais para o acompanhamento dos filhos na escola.
Prof. ^a Valéria	Ser dinâmico, pesquisar textos que incentivem os alunos a ler e compreender e terem participação efetivas nas aulas.

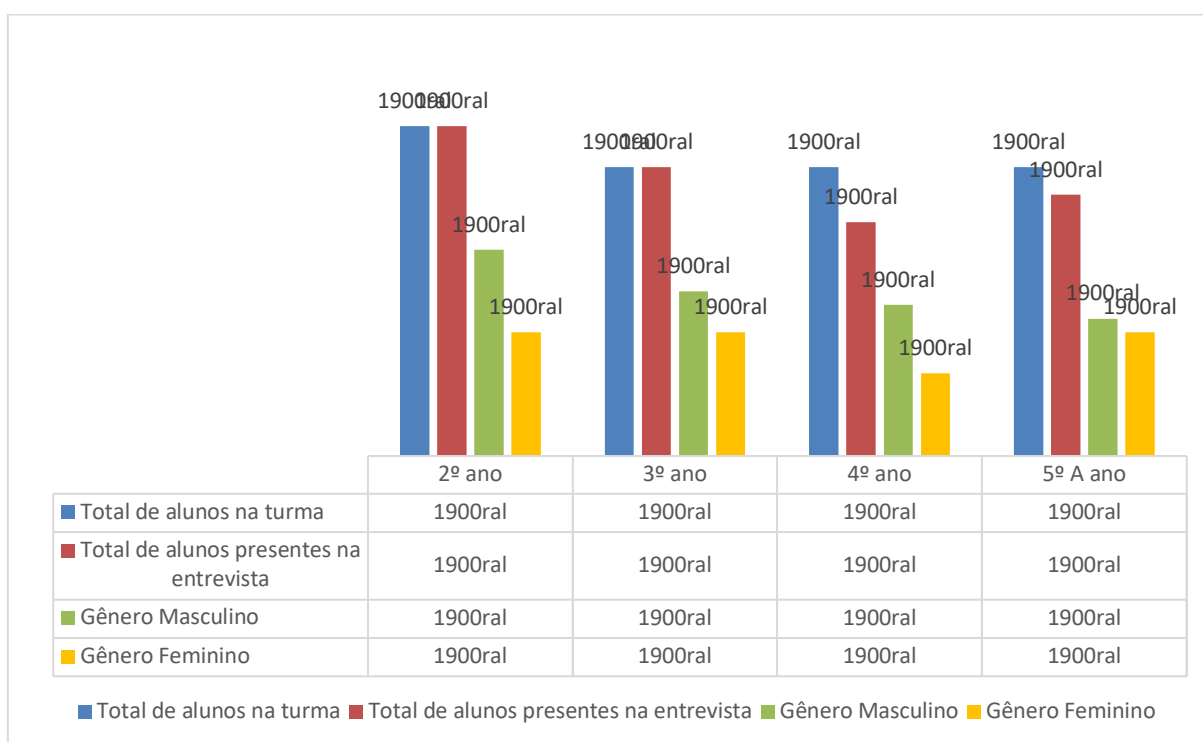
Nº 10	Espaço para complementações sobre a temática, caso queira:
Prof. ^a Joana	Não quis complementar.
Prof. ^a Mayre	Não quis complementar.
Prof. ^a Maria Madalena	Desde já desejo a você, boa sorte na confecção e na defesa da sua monografia. Que Jesus te dê discernimento e sabedoria para concluir a sua faculdade.

Prof. ^a Sandra	Não quis complementar.
Prof. ^a Valéria	A leitura é importante pois contempla toda a aprendizagem do aluno, encaminha o desenvolvimento e aperfeiçoamento do aluno, dar condição para se trabalhar a interdisciplinaridade, para uma compreensão ampla de mundo.

CAPÍTULO 03: OS ALUNOS RESPONDEM - A RELAÇÃO COM A LEITURA E INTERPRETAÇÃO TEXTUAL

A aplicação do questionário realizou-se em quatro turmas: 2º, 3º, 4º e 5º (A) anos do ensino fundamental I, na escola Municipal João Pereira Pinto. Responderam a pesquisa um total de 81 alunos, 48 deles são do gênero masculino e 33 do gênero feminino. O objetivo era perceber como eles se relacionam com a leitura e interpretação textual, inclusive ressaltando eventuais dificuldades.

Gráfico 01: Perfil dos alunos pesquisados



No total, 80,9% dos alunos da turma do 4º ano e 90,4 % dos alunos do 5º ano responderam o questionário. Em relação às turmas do 2º e 3º anos todos responderam o instrumento. Todas as turmas possuem maior número de alunos do gênero masculino, e somente professoras lecionam estas turmas.

A aplicação dos questionários ocorreu em dois dias no turno matutino que é o horário letivo para o ensino fundamental dos anos iniciais na escola João Pereira Pinto, sendo que o horário/tempo para realização das entrevistas com as turmas, dependeu da interação e desenvolvimento dos educandos como também da disponibilidade das professoras.

Notou-se que nas turmas foram raras as incidências de questões mal respondidas (com duas alternativas adversas marcadas, ou marcadas apenas uma alternativa quando se pediu duas). Um detalhe importante consiste na turma do 5º B, que não foi entrevistada pois os alunos realizavam uma avaliação naquele dia, porém ao executar a entrevista com a professora Valéria, foi possível perceber que a turma possui várias dificuldades referentes tanto a leitura quanto a interpretação de textos.

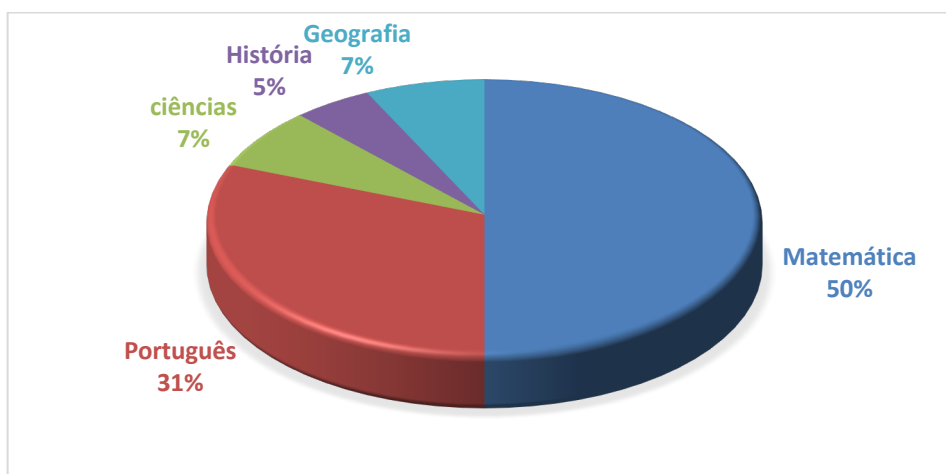
3.1. Análises do questionário

As seguintes análises, foram elaboradas a partir das aplicações do questionário feitas em sala de aula, com as cópias/xerox, as quais foram distribuídas a todos os alunos da turma que estavam presentes nos dias de elaboração da pesquisa de campo, entre o 2º ao 5º ano. Foi utilizado para auxiliar na análise quantitativa das opções escolhidas em cada questionário, objetos indicadores a cada um dos elementos que compõem as respostas, por exemplo: na seguinte questão de número 1, objetos como o “lápis de cor” representava a resposta da escolha por “Português”, clipes eram colocados em cima do questionário o qual havia respondido Matemática e assim sucessivamente, já que os questionários foram devidamente espalhados para melhor visualização. Após os dados com as respostas de cada turma, utilizou-se no próprio programa de escrita do trabalho de conclusão final de curso- TCFC (WORD) a inserção de gráficos com os valores absolutos e percentuais, a partir dos dados inseridos no programa de planilha Microsoft Excel como pode ser observado a seguir.

1. Marque as duas matérias que você prefere:

Tabela 1 - Turma de 2º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Matemática	21	50%
Português	13	31%
Ciências	3	7%
História	2	5%
Geografia	3	7%
Total	42	100%

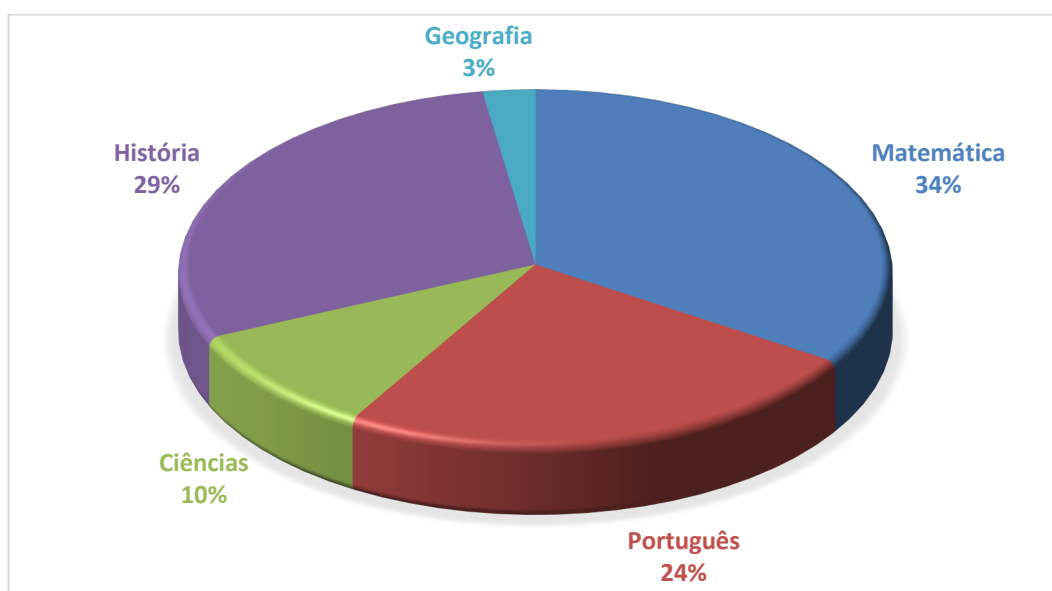
Gráfico 2 - Turma de 2º ano

A partir dos resultados obtidos para a turma de 2º ano, destaca-se uma acentuada preferência dos alunos pela disciplina de matemática, alcançando 50% dos respondentes. Em segundo lugar, a Língua Portuguesa alcançou o percentual de 31%. Ciências e Geografia somaram apenas 7% das escolhas (cada), por último a disciplina de História com 5%.

Um dos questionários não obteve resposta (em branco), no entanto optou-se, para o cômputo da questão, considerar apenas os questionários respondidos. No geral, observa-se que a escolha pela disciplina de matemática contradiz, em parte, aos estereótipos de que a disciplina é “um bicho de sete cabeças”, destacando assim, a sua importância quanto ao processo e contexto de alfabetização no qual os alunos estão inseridos.

Tabela 2 - Turma de 3º ano

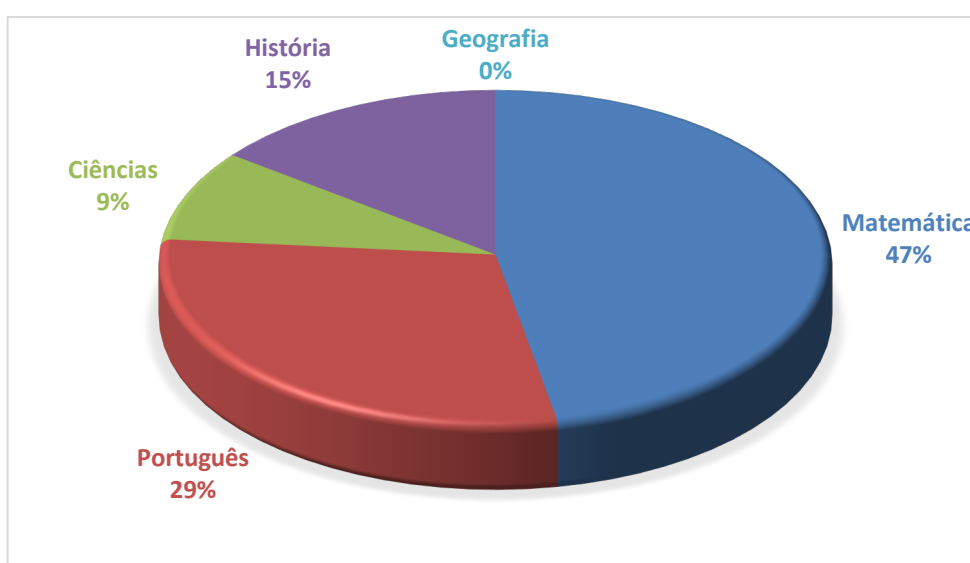
	Valor Absoluto	Percentual
Matemática	14	34%
Português	10	24%
Ciências	4	10%
História	12	29%
Geografia	1	3%
Total	41	100%

Gráfico 3 - Turma de 3º ano

Os dados destacados acima referentes demonstram que a incidência na preferência pela disciplina de matemática também ocorre na turma de 3º ano com um total de 34% das escolhas. Em seguida História com 29% e Português com 24% das respostas. Em quarto lugar Ciências com 10% e a disciplina que apresentou o menor índice de respostas foi a Geografia com 3% de escolha. Ao contrário do que se observou com a turma do 2º ano, nesta turma a disciplina de História recebeu o segundo lugar no ranque de preferência, ultrapassando a opção por Língua Portuguesa. É preciso lembrar que o ensino de História se encontra diretamente ligado ao processo de leitura e compreensão textual.

Tabela 3 – Turma de 4º ano

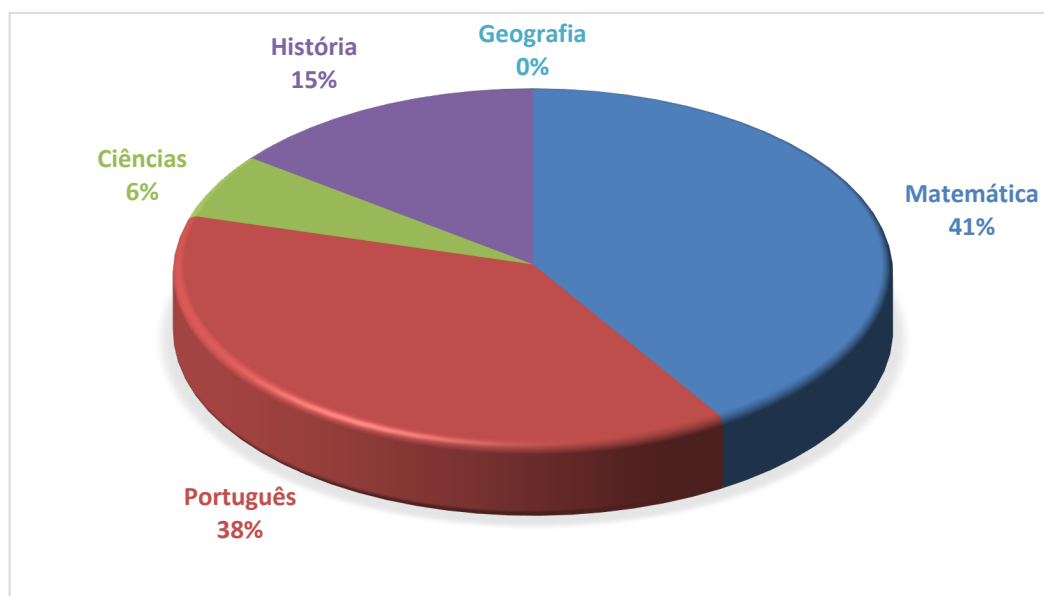
	Valor Absoluto	Percentual
Matemática	16	47%
Português	10	29%
Ciências	3	9%
História	5	15%
Geografia	0	0%
Total	34	100%

Gráfico 4 - turma de 4º ano

Os resultados acima revelam que a disciplina de Matemática permaneceu como a favorita dos alunos totalizando 47% de escolhas, em segundo lugar Português com 29% seguida de História com 15% de preferência. Ciências foi escolhida por 9% dos alunos e, fato que não deixa de ser preocupante e que merece uma análise por parte da escola, Geografia não foi destacada por nenhum aluno da turma.

Tabela 4 – Turma de 5º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Matemática	14	41%
Português	13	38%
Ciências	2	6%
História	5	15%
Geografia	0	0%
Total		

Gráfico 5 – Turma de 5º ano

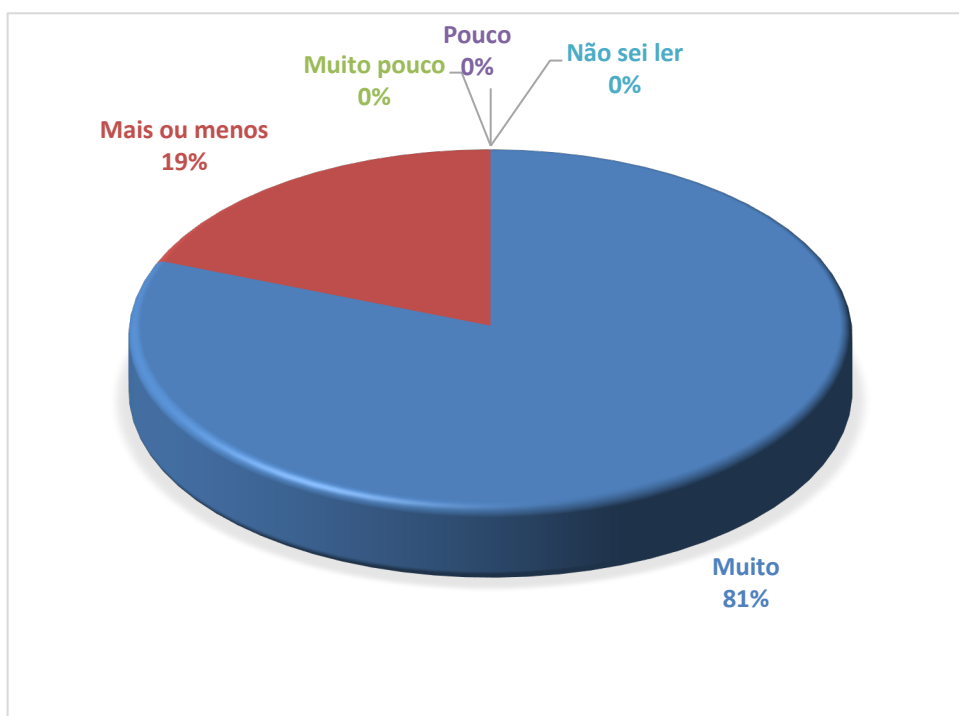
Os resultados indicam que a turma do 5(A) ano possuem preferências semelhantes à turma anterior do 4º ano. História com 15% e, mais uma vez, Geografia não recebeu uma única indicação. Com relação às demais disciplinas: Matemática obteve o maior percentual com 41% seguida por português com 38% de preferências. Ciências obteve apenas 6% das respostas. Dessa forma, percebeu-se que a Matemática, em todas as turmas, é a disciplina considerada a preferida pelos alunos da escola ora em análise.

2. Você gosta de ler?

Tabela 5 – Turma de 2º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Muito	17	81%
Mais ou menos	4	19%
Muito pouco	0	0%
Pouco	0	0%
Não sei ler	0	0%
Total	21	100%

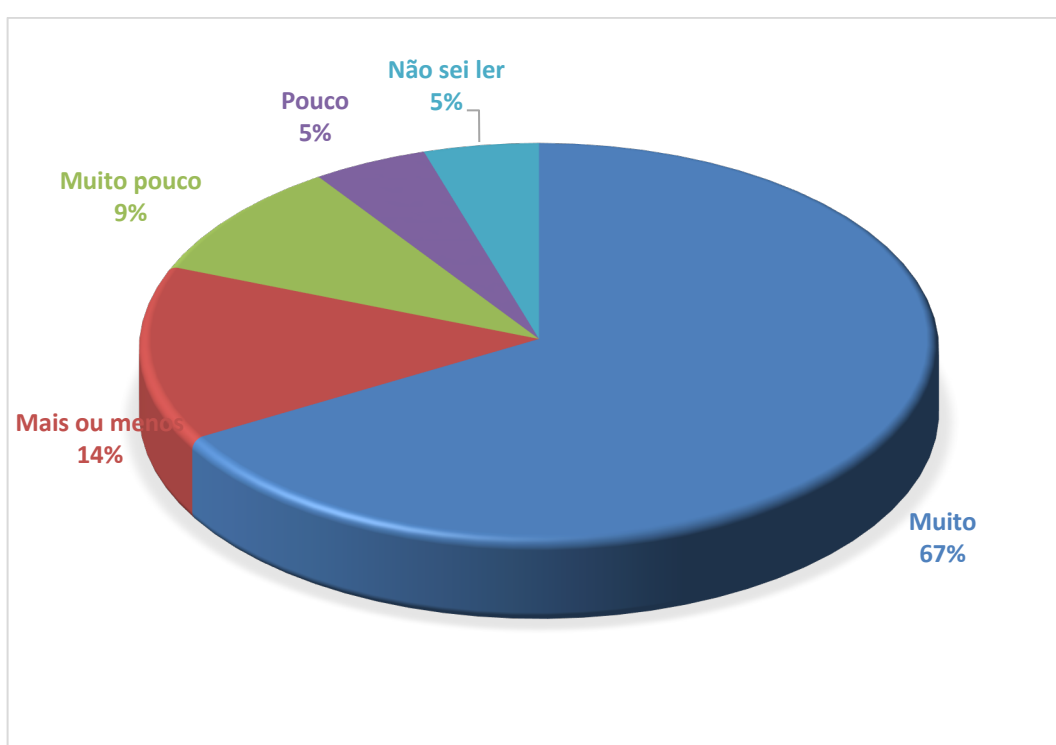
Gráfico 6 – Turma de 2º ano



Os dados acima buscam retratar o nível de interesse/gosto pela leitura. Na turma do 2º ano 81% dos alunos responderam que gostam muito de ler, 19% restantes optaram por “mais ou menos” e as outras assertivas: “muito pouco”, “pouco” e “não sei ler”, não obtiveram nenhuma marcação, porém, 3 dos 24 questionários aplicados não foram respondidos ou estavam incorretos e foram descartados da análise quantitativa.

Tabela 6 – Turma de 3º ano.

	Valor Absoluto	Percentual
Muito	14	67%
Mais ou menos	3	14%
Muito pouco	2	9%
Pouco	1	5%
Não sei ler	1	5%
Total	21	100%

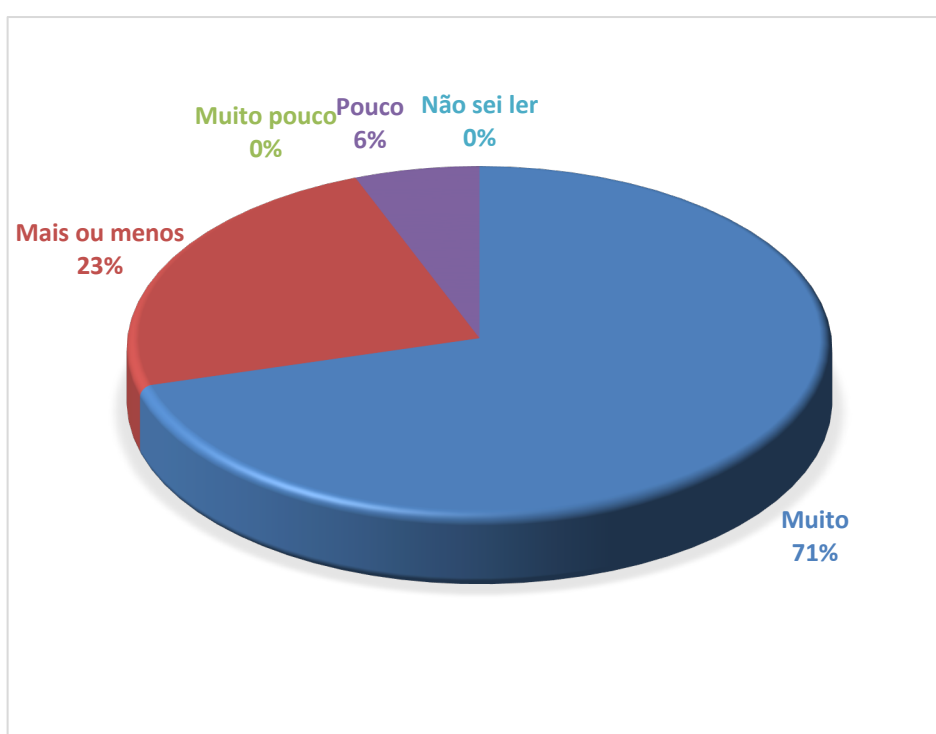
Gráfico 7 – Turma de 3º ano

Os resultados apresentados acima no gráfico 7, revelam um aumento nas opções escolhidas pelos alunos na turma do 3º ano, sendo que prevalece a escolha pela opção “gosta muito de ler” com 67% marcadas, em seguida a escolha por “mais ou menos” com 14%, há a emergência das alternativas “muito pouco” com 9%, “pouco” e “não sei ler” com 5% cada, totalizando a percentagem final 100%.

Tabela 7 – Turma de 4º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Muito	12	71%
Mais ou menos	4	23%
Muito pouco	0	0%
Pouco	1	6%
Não sei ler	0	0%
Total	17	100%

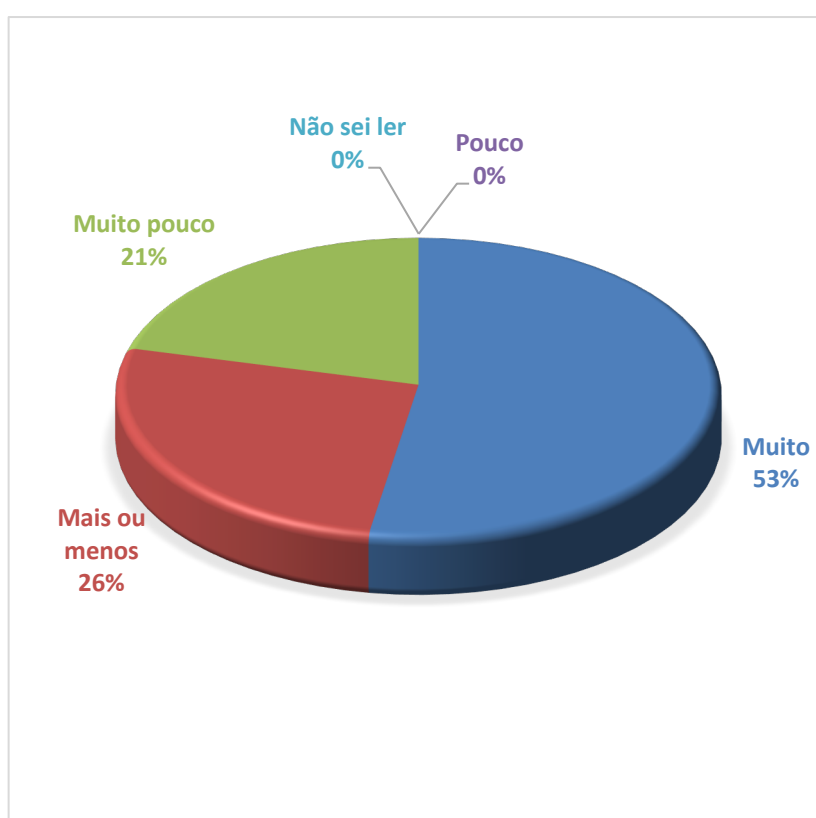
Gráfico 8 – Turma de 4º ano



Na turma de 4º ano a incidência da opção “gosta muito de ler” ainda persiste com o total de 71% de escolha, em seguida a alternativa “mais ou menos” com 23% e “pouco” 6 %. Como ocorreu na turma de 2º ano, em nenhum dos questionários foram marcadas a opção “não sei ler” ou “muito pouco”. Por mais uma vez, pelas respostas dadas, percebe-se que os alunos possuem interesse pela prática da leitura.

Tabela 8 – Turma de 5º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Muito	10	53%
Mais ou menos	5	26%
Muito pouco	4	21%
Pouco	0	0%
Não sei ler	0	0%
Total	19	100%

Gráfico 9 – Turma de 5º ano

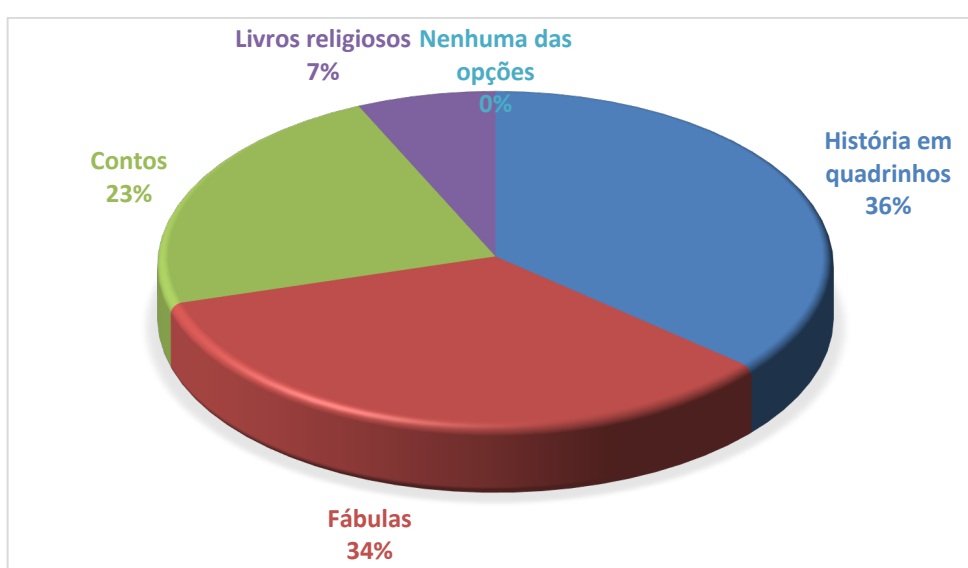
Com relação ao gosto pela leitura, na turma de 5º (A) ano mais da metade dos alunos optaram por “muito” com 53%, porém, há um aumento nas alternativas “mais ou menos” com o total de 26% e “muito pouco” com 21% marcadas nos questionários pelos alunos, superior assim à turma anterior (4º ano). A opção “pouco” e “não sei ler” não foram pontuadas (0%).

3. Quais desses gêneros textuais você já leu sozinho ou com a ajuda de alguém?

Tabela 9 – Turma de 2º ano

	Valor Absoluto	Percentual
História em quadrinhos	16	36%
Fábulas	15	34%
Contos	10	23%
Livros religiosos	3	7%
Nenhuma das opções	0	0%
Total	44	100%

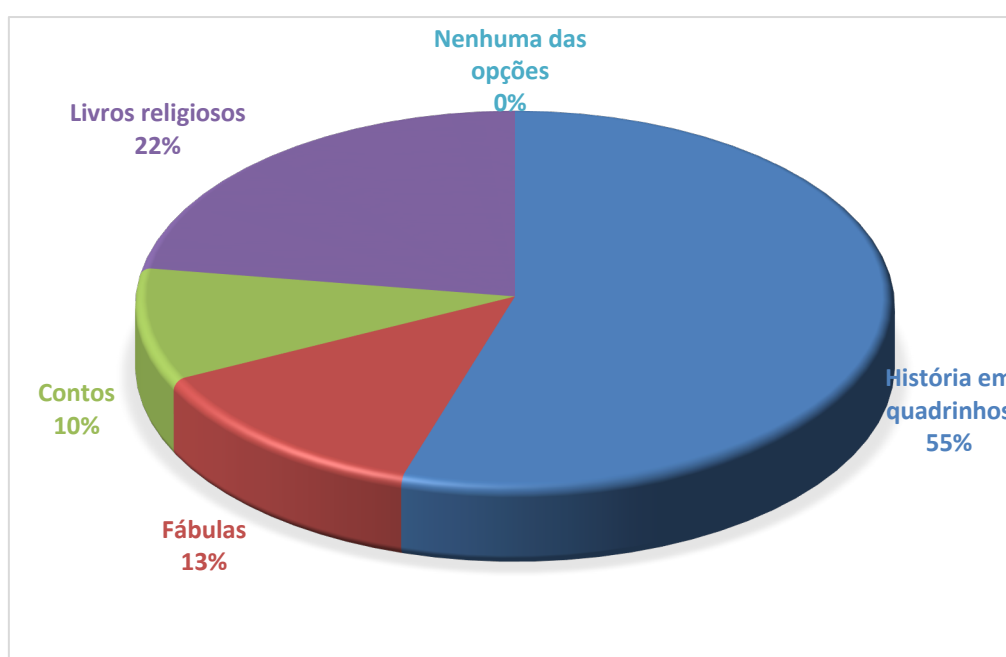
Gráfico 10 – Turma de 2º ano



A questão destaca o contato com a leitura individual e/ou coletiva de acordo com os gêneros textuais descritos. Na turma de 2º ano a alternativa “história em quadrinhos” obteve a maior porcentagem com 36% de escolha, em seguida a opção “fábulas” com 34%, “contos” com 23% e com a menor porcentagem esteve “livros religiosos” no total de 7%. Todos os alunos que responderam ao questionário disseram já ter lido sozinho ou com a ajuda de alguém os gêneros textuais expostos, sendo que uma folha ficou em branco e foi descartada.

Tabela 10 – Turma de 3º ano

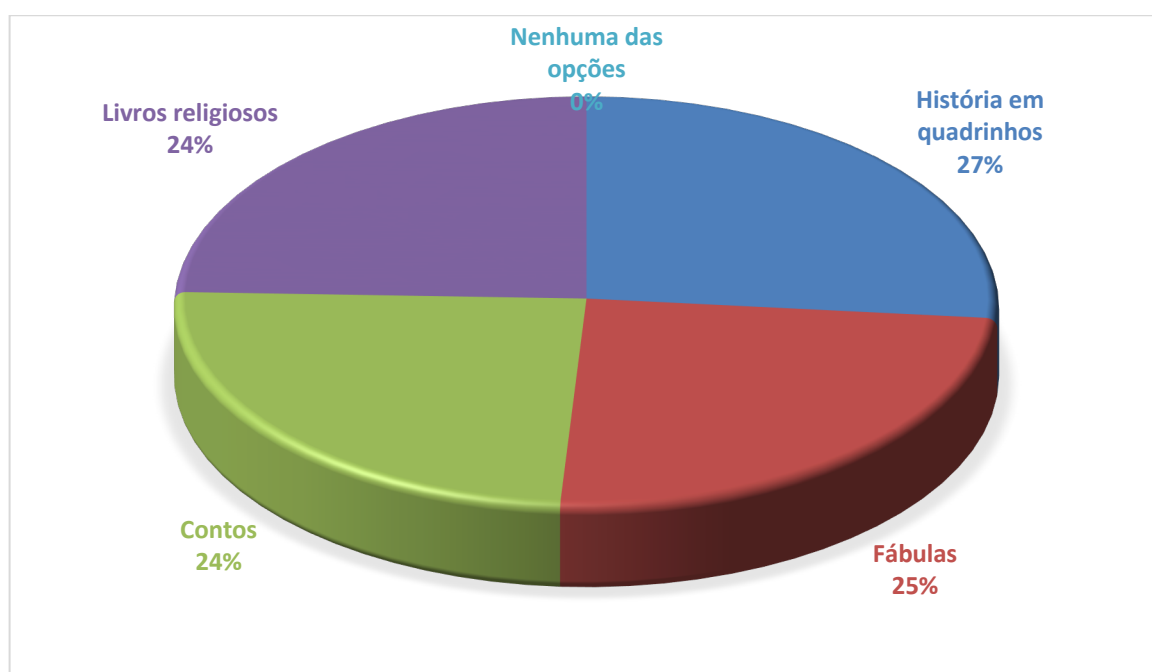
	Valor Absoluto	Percentual
História em quadrinhos	17	55%
Fábulas	4	13%
Contos	3	10%
Livros religiosos	7	22%
Nenhuma das opções	0	0%
Total	31	100%

Gráfico 11 – Turma de 3º ano

Os resultados mostram que na turma de 3º ano 55% do universo pesquisado relatou que já leu sozinho ou com a ajuda de alguém o gênero textual “história em quadrinho”, fato este destacado pela professora que diz estar trabalhando com os alunos este gênero em sala de aula. Em sequência o gênero “livros religiosos” recebeu 22% de escolha superando a turma anterior (2º ano), os gêneros “fábulas” alcança 13% e “contos” 10% das opções marcada pelos alunos, sendo que todos os alunos participaram da aplicação do questionário, destaca-se assim que sozinho ou com ajuda de alguém, todos os alunos tiveram contato com a leitura.

Tabela 11– Turma de 4º ano

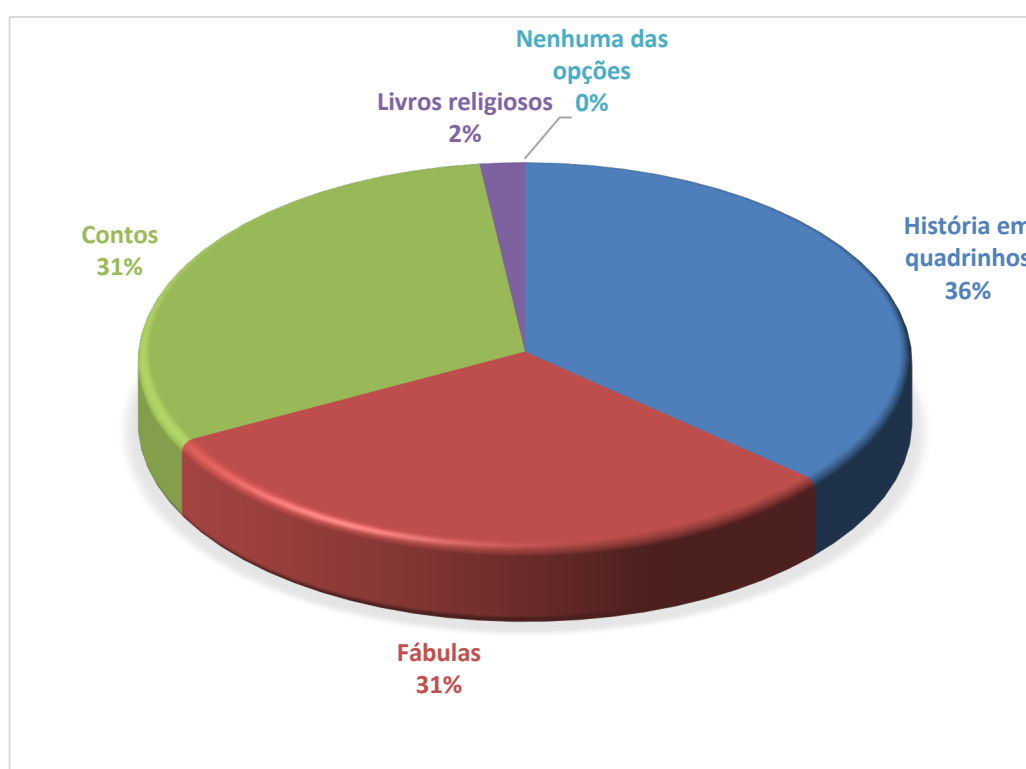
	Valor Absoluto	Percentual
História em quadrinhos	13	27%
Fábulas	12	25%
Contos	12	24%
Livros religiosos	12	24%
Nenhuma das opções	0	0%
Total	49	100%

Gráfico 12 – Turma de 4º ano

A partir dos dados obtidos, destaca-se um equilíbrio entre os gêneros textuais que foram lidos sozinho ou com a ajuda de alguém na turma de 4º ano. O gênero com maior porcentagem continua sendo “história em quadrinhos” com 27% de escolha, seguidos de “fábulas” com 25%. Os itens “contos” e “livros religiosos” obtiveram o mesmo percentual, ou seja, 24% das repostas. Todos os alunos disseram ter tido o contato com a leitura de algum dos gêneros apresentados.

Tabela 12 – Turma de 5º ano

	Valor Absoluto	Percentual
História em quadrinhos	19	36%
Fábulas	16	31%
Contos	16	31%
Livros religiosos	1	2%
Nenhuma das opções	0	0%
Total	52	100%

Gráfico 13 – Turma de 5º ano

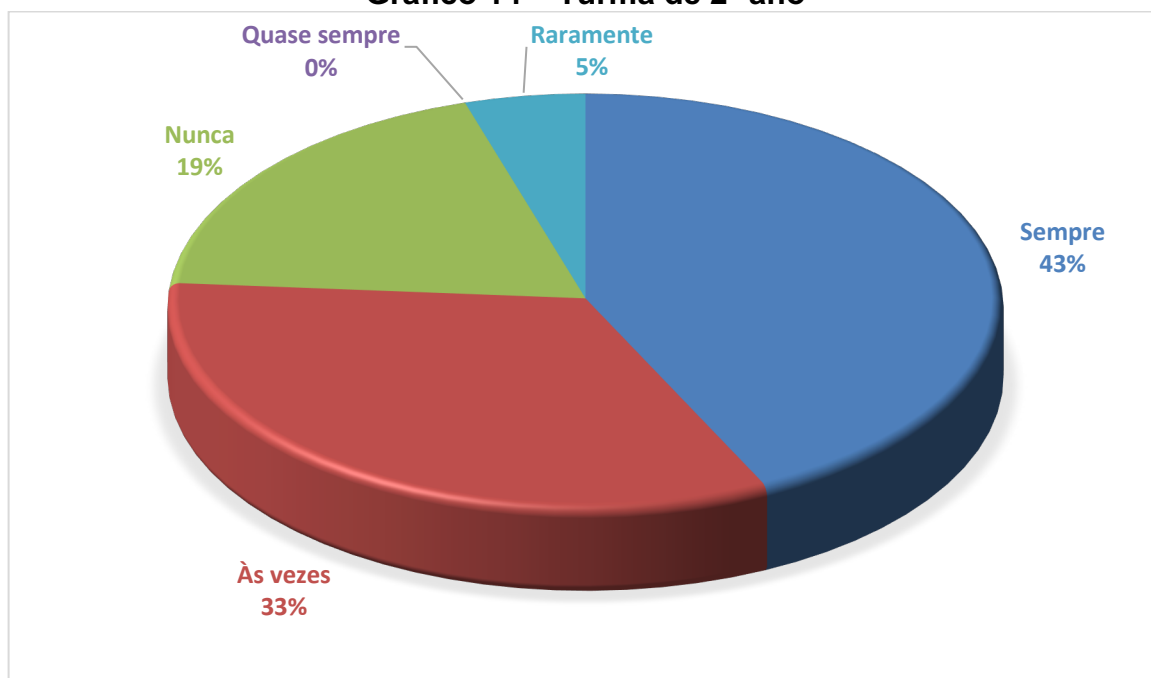
Na turma de 5º (A) ano ainda prevalece a preferência pela opção do gênero textual “história em quadrinhos” com 36% de escolha, sendo que os gêneros “fábulas” e “contos” recebem a mesma pontuação com 31% cada, e distinto ao que houve com a turma anterior de 4º ano, nesta turma apenas 2% relataram já terem lido sozinho ou com a ajuda de alguém o gênero textual “livros religiosos”, sendo que nesta turma a marcação de mais de um gênero foi maior entre os alunos.

4. Seus pais (ou quem cuida de você) costuma ler alguma “literatura/história infantil” para você?

Tabela 13 – Turma de 2º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Sempre	9	43%
Às vezes	7	33%
Nunca	4	19%
Raramente	1	5%
Quase sempre	0	0%
Total	21	100%

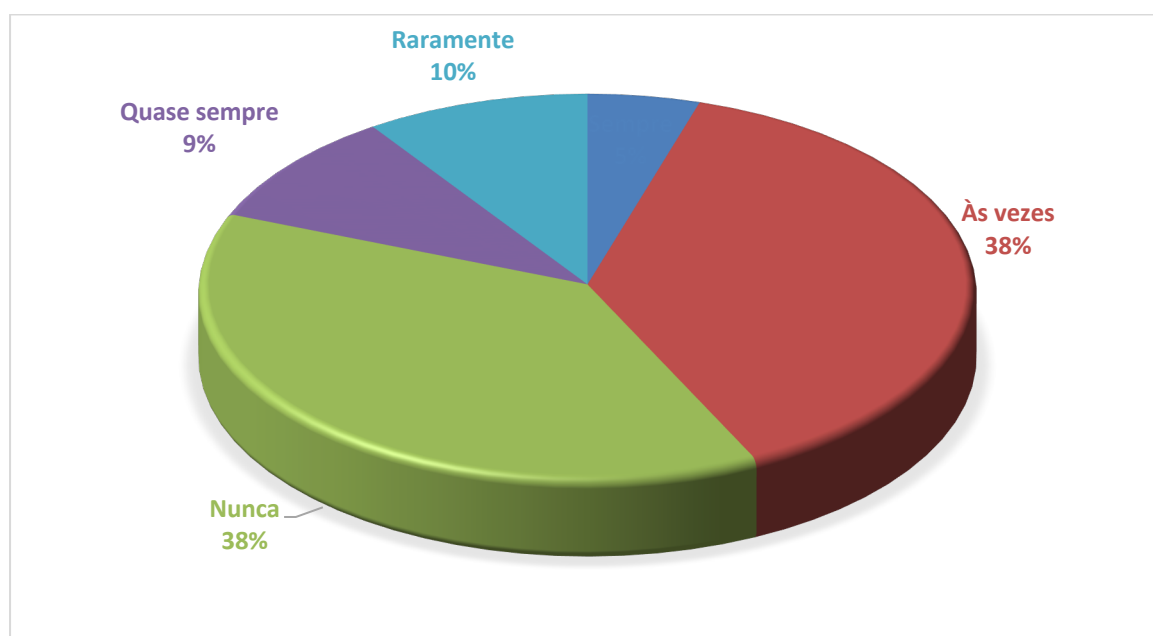
Gráfico 14 – Turma de 2º ano



A questão acima buscou perceber como a família ou o responsável pelo aluno o acompanha no processo de aquisição da competência de leitura, em outras palavras, se há um acompanhamento concernente a aquisição dessa competência. Na turma do 2º ano a maioria dos alunos relataram que os pais/ou responsáveis sempre leem para eles, com o percentual de 43% de escolha, posteriormente a alternativa “às vezes” aparece com 33%, a opção “nunca” com 19%, em penúltimo lugar se encontra a alternativa “raramente” com 5 % de escolha, e em último lugar a opção “quase sempre” não recebeu pontuação.

Tabela 14 – Turma de 3º ano

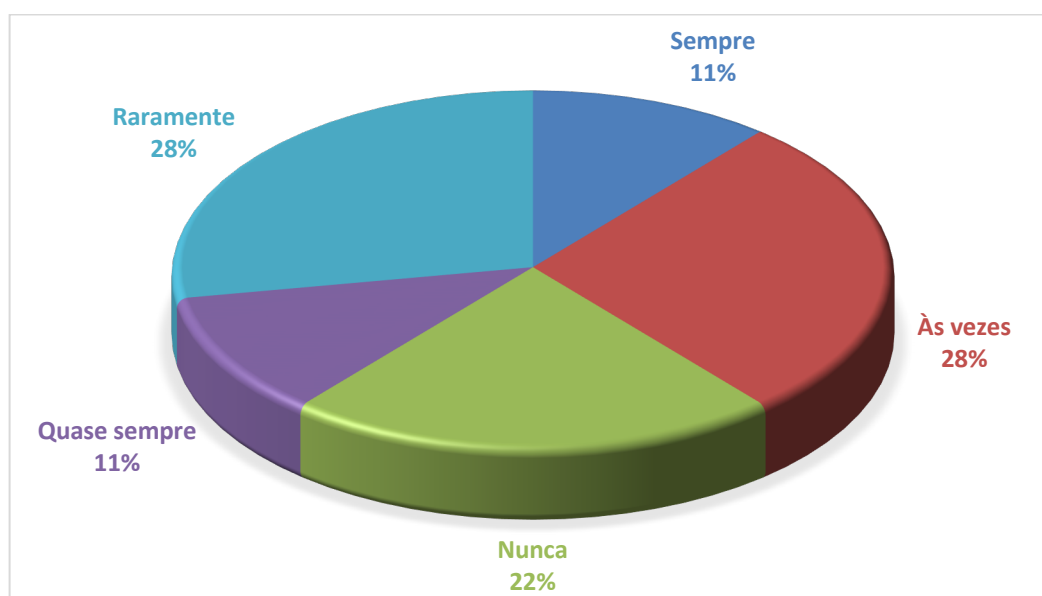
	Valor Absoluto	Percentual
Sempre	1	5%
Às vezes	8	38%
Nunca	8	38%
Quase sempre	2	9%
Raramente	2	10%
Total	21	100%

Gráfico 15 – Turma de 3º ano

A partir dos dados obtidos acima é possível perceber que o hábito de leitura por parte dos responsáveis pelos alunos na turma de 3º ano consta ser menor, devido a frequência bem superior das alternativas “às vezes” e “nunca” com 38% das respostas cada. A alternativa “sempre” aparece apenas em 5% das respostas, diferente do que ocorreu na turma anterior (2º ano). As demais opções “raramente” e “quase sempre” recebem pontuações iguais com um total de 9% cada.

Tabela 15 – Turma de 4º ano

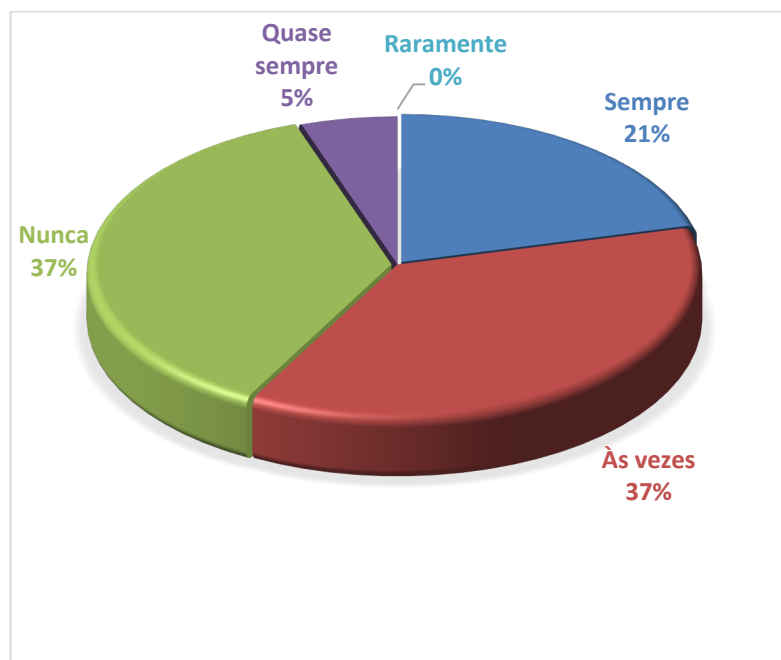
	Valor Absoluto	Percentual
Sempre	2	11%
Às vezes	5	28%
Nunca	4	22%
Quase sempre	2	11%
Raramente	5	28%
Total	18	100%

Gráfico 16 – Turma de 4º ano

Os resultados obtidos revelam que há certa redução nas escolhas feitas pelos alunos no que se refere às opções que demonstram um acompanhamento “familiar” quanto ao hábito de leitura para com os alunos, fato já verificado na turma anterior. No 4º ano, as alternativas “raramente” e “às vezes” obtiveram o mesmo valor percentuais com 28% cada, equipararam-se também as opções “quase sempre” e “sempre” totalizando 11% cada, sendo que a alternativa “nunca” alcançou o valor de 22%, no entanto.

Tabela 16 – Turma de 5º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Sempre	4	21%
Às vezes	7	37%
Nunca	7	37%
Quase sempre	1	5%
Raramente	0	0%
Total	19	100%

Gráfico 17 – Turma de 5º ano

A turma de 5º (A) demonstrou nos resultados que há um aumento da alternativa “nunca” com relação a leitura feita pelo responsável do estudante equivalente a um total de 37% das respostas ao questionário, igualmente a opção “às vezes” recebeu a mesma percentagem 37%. Difere, porém, da turma anterior de 4º ano o fato da alternativa “raramente” não receber pontuação, sendo que apenas um total de 21% relataram que “sempre” seus pais ou responsáveis leem para eles, e somente 5% optaram por “quase sempre”.

Os dados demonstraram que, na medida em que o aluno avança em seus estudos, há uma redução na prática de leitura dos pais/responsáveis junto aos alunos. Isso pode ser decorrente, por um lado, das leituras se tornarem mais complexas, por

outro lado, da própria falta de prática por essa atividade por parte dos adultos. Sabe-se que os jovens são influenciados pelas atitudes e práticas de seus pais ou responsáveis, sendo assim, quando estes leem, seja individualmente, seja para os seus filhos, é muito provável que as crianças e os jovens se interessem mais pela leitura.

5. Você já ganhou algum livro de presente?

Tabela 17– Turma de 2º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Nunca	7	35%
Uma vez	5	25%
Três ou mais	5	25%
Duas vezes	3	15%
Total	20	100%

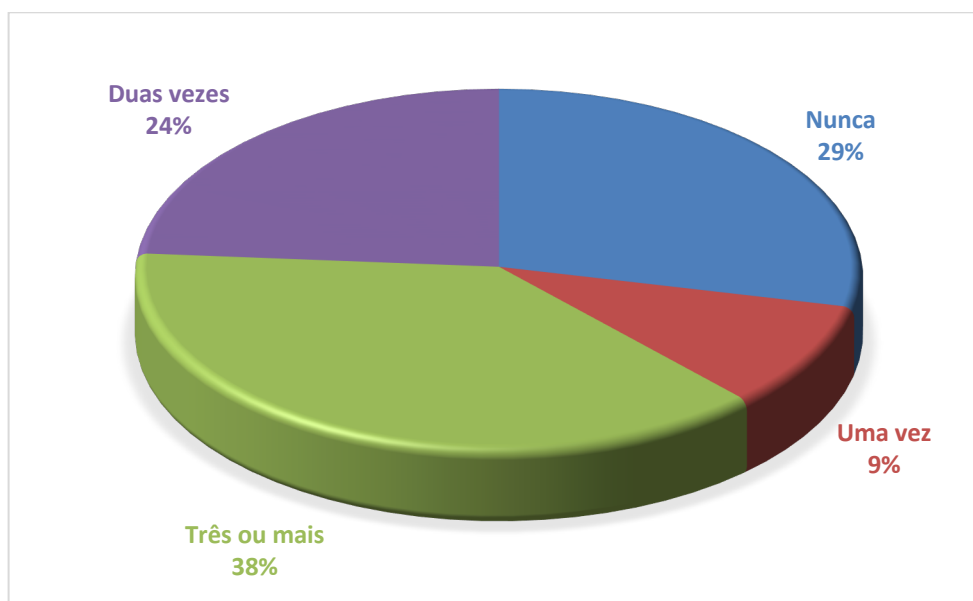
Gráfico 18 – Turma de 2º ano



Os resultados retratam o incentivo proporcionado aos alunos ao serem presenteados com um livro. Nesta turma, 35 % dos alunos disseram “nunca” terem ganhado um livro de presente, na sequência, as alternativas “uma vez” e “três vezes” receberam o equivalente a 25% cada e apenas 15% dos questionários foram respondidas com a opção “duas vezes” o que demonstra uma instabilidade na proporção da promoção e do incentivo do hábito de ler entre os alunos do 2º ano, sendo que quatro questionários não foram respondidos.

Tabela 18 – Turma de 3º ano

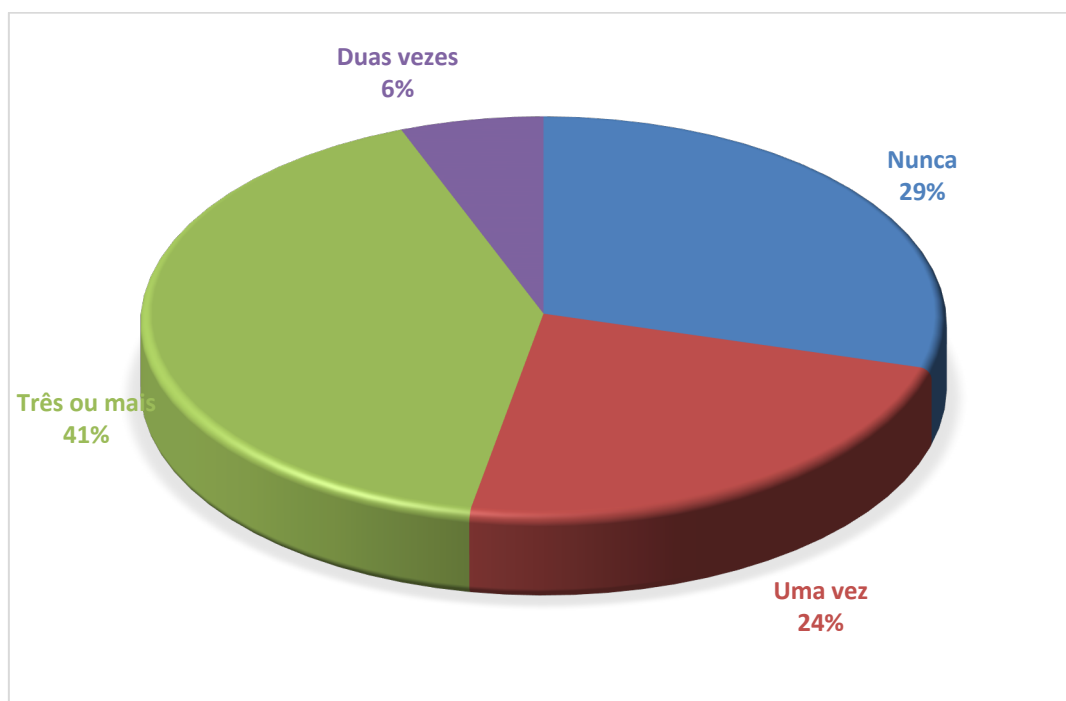
	Valor Absoluto	Percentual
Nunca	6	29%
Uma vez	2	9%
Três ou mais	8	38%
Dois vezes	5	24%
Total	21	100%

Gráfico 19– Turma de 3º ano

Pelas respostas ofertadas acima é possível perceber um aumento na relação das vezes que o(s) aluno(s) ganhou/ganharam livro(s) de presente. Com maior percentual consta a alternativa “três vezes” que alcançou 38% das escolhas, superando a opção “nunca” com 29% e a alternativa “duas vezes” que obteve 24%. Com menor percentual também se comparado à turma anterior está a opção “uma vez” com apenas 9%, sendo que todos os questionários foram respondidos.

Tabela 19 – Turma de 4º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Nunca	5	29%
Uma vez	4	24%
Três ou mais	7	41%
Duas vezes	1	6%
Total	17	100%

Gráfico 20 – Turma de 4º ano

Na turma de 4º ano percebe-se uma maior percentagem dos alunos que relataram terem ganhado livros “três ou mais vezes” com 41% de escolha, a alternativa “nunca” com 29% foi a segunda mais marcada e a opção “uma vez” atingiu o total de 24%. Na última posição se encontra a alternativa “duas vezes” com 6%.

Tabela 20 – Turma de 5º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Nunca	8	42%
Uma vez	6	32%
Três ou mais	3	16%
Duas vezes	2	10%
Total	19	100%

Gráfico 21 – Turma de 5º ano

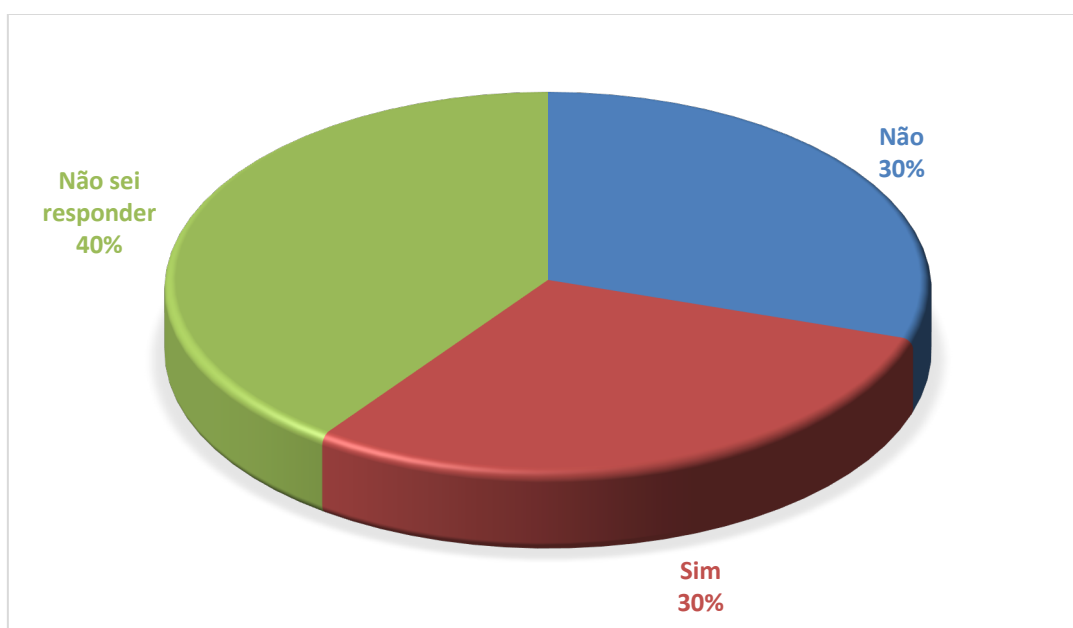
Nesta turma de 5º (A) ano, os resultados revelaram uma redução no número de livros que os alunos recebiam de presente, cerca de 42% da turma respondeu “nunca” ter recebido um livro de presente, na sequência 32% dos alunos relataram terem ganho apenas “uma vez” e com menores percentuais “três ou mais” com 16% e “duas vezes” com 10% das respostas. Se comparado o resultado com as turmas anteriores, a turma de 5º (A) ano e a do 2º ano obtiveram maior incidência dos percentuais negativos da opção “nunca” ou apenas “uma vez” terem ganho um livro.

6. você apresentou alguma dificuldade no processo de alfabetização?

Tabela 21 – Turma de 2º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Não	6	30%
Sim	6	30%
Não sei responder	8	40%
Total	20	100%

Gráfico 22 – Turma de 2º ano



Quando perguntado sobre as eventuais dificuldades no processo de alfabetização, a grande maioria dos alunos respondeu a opção “não sei responder” com 40% das escolhas, as demais alternativas: “não” tiveram dificuldade ou que “sim” tiveram dificuldades receberam 30% percentuais cada. Nota-se, que os alunos não conseguiram assimilar ao que se referia a pergunta, ou que nesta turma como relatado pela professora, existem alunos que estão no nível pré-silábico e com dificuldades quanto ao processo de aprendizagem.

Tabela 22 – Turma de 3º ano

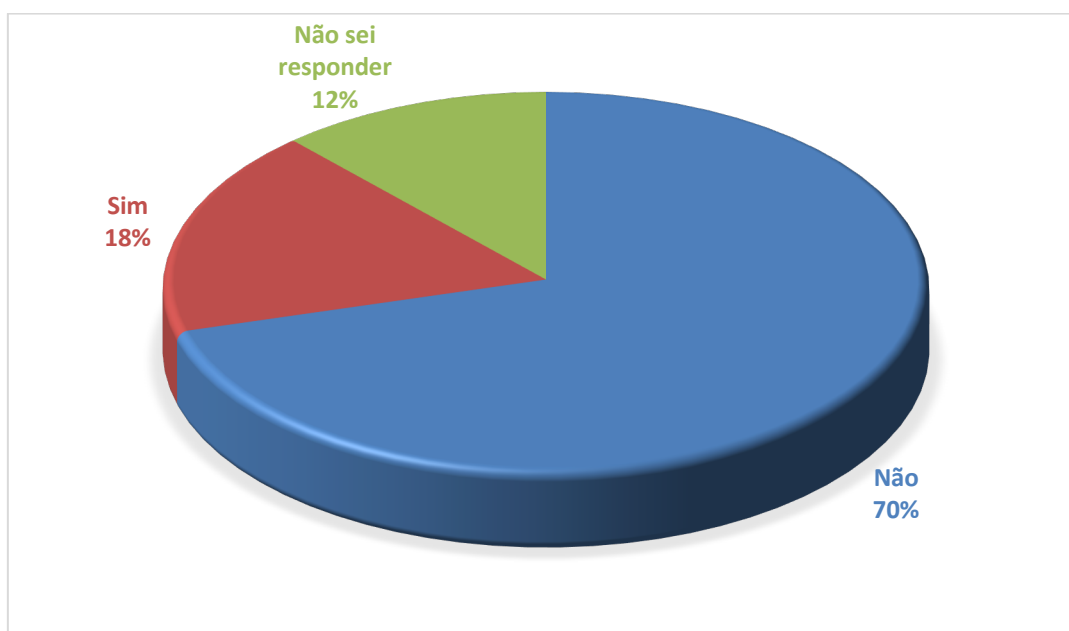
	Valor Absoluto	Percentual
Não	7	33%
Sim	14	67%
Não sei responder	0	0%
Total	21	100%

Gráfico 23 – Turma de 3º ano

Ao analisar os resultados obtidos, percebe-se que nesta turma de 3º ano boa parcela dos alunos disseram já terem tido alguma dificuldade no processo de alfabetização com 67% da alternativa “sim”, os percentuais restantes somam 33% da opção “não” e em nenhum dos questionários marcou-se a alternativa “não sei responder”. Divergente ao que ocorreu na turma anterior os alunos assimilaram bem a pergunta, mas, constatou-se um aspecto preocupante, o grande número dos que disseram ter tido dificuldade no processo de alfabetização.

Tabela 23 – Turma de 4º ano

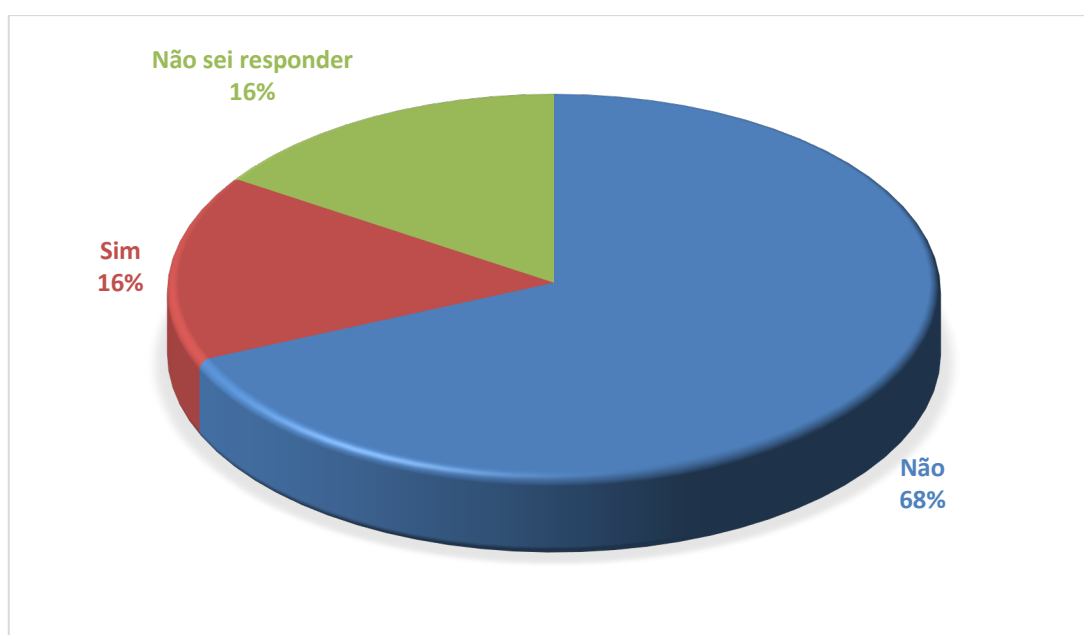
	Valor Absoluto	Percentual
Não	12	70%
Sim	3	18%
Não sei responder	2	12%
Total	17	100%

Gráfico 24 – Turma de 4º ano

Nesta turma do 4º ano foi possível constatar um acréscimo da opção “não” apresentou dificuldade no processo de alfabetização com um percentual de 70% de escolha, sucessivamente aparece a alternativa “sim” com 18% e a escolha “não sei responder” com 12%. Diferente aos resultados das turmas anteriores: a do 2º ano com maior percentual da alternativa “não sei responder” 40% e a de 3º ano com maioria na opção “sim” que confirma as dificuldades no processo de alfabetização, nesta turma, mais da metade disseram não terem tido dificuldades quanto ao processo de alfabetização.

Tabela 24 – Turma de 5º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Não	13	68%
Sim	3	16%
Não sei responder	3	16%
Total	19	100%

Gráfico 25 – Turma de 5º ano

Os resultados referentes a turma do 5º (A) ano, demonstra a permanência da alternativa “não” teve dificuldades no processo de alfabetização com 68% de escolha, na sequência aqueles que afirmaram ter dificuldades atingiu o valor de 16% e a alternativa “não sei responder” alcançou o mesmo valor de 16%.

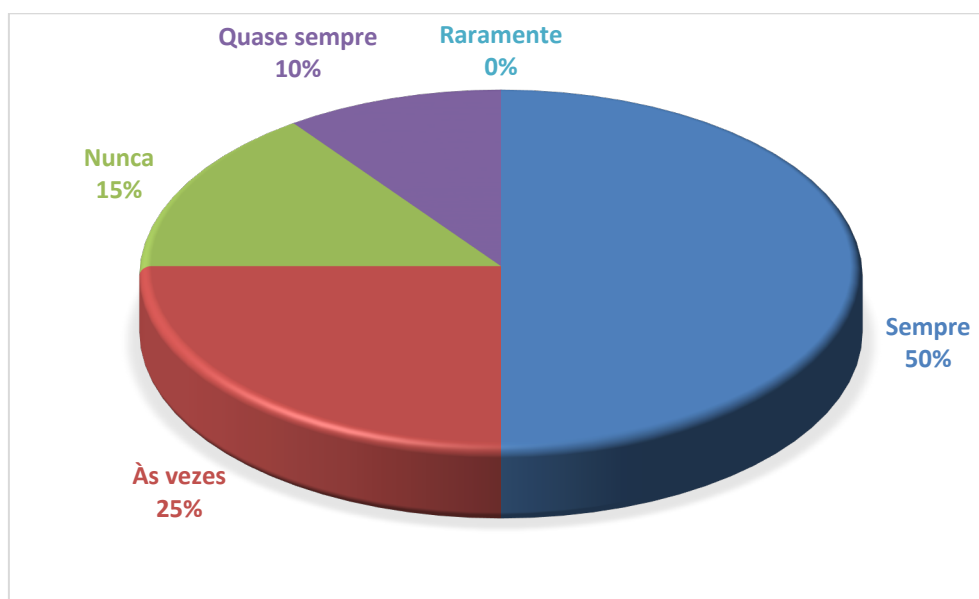
É interessante perceber que na medida em que os alunos avançam em sua escolaridade, eles alegam que houve menor dificuldade no processo de alfabetização. Uma possibilidade que pode ser pensada é que os alunos, na medida em que avançam de ano, percebem maior dificuldade na turma em que se encontram do que em etapas passadas e, ao menos aparentemente, superadas. As respostas obtidas na próxima questão reforçam a hipótese aqui aventada quando os alunos afirmam que possuem alguma dificuldade em entender os textos das matérias que estudam.

7. Nas aulas, você tem alguma dificuldade em entender os textos das matérias que você estuda?

Tabela 25 – Turma de 2º ano

	Valor Absoluto	Percentual
Sempre	10	50%
Às vezes	5	25%
Nunca	3	15%
Quase sempre	2	10%
Raramente	0	0%
Total	20	100%

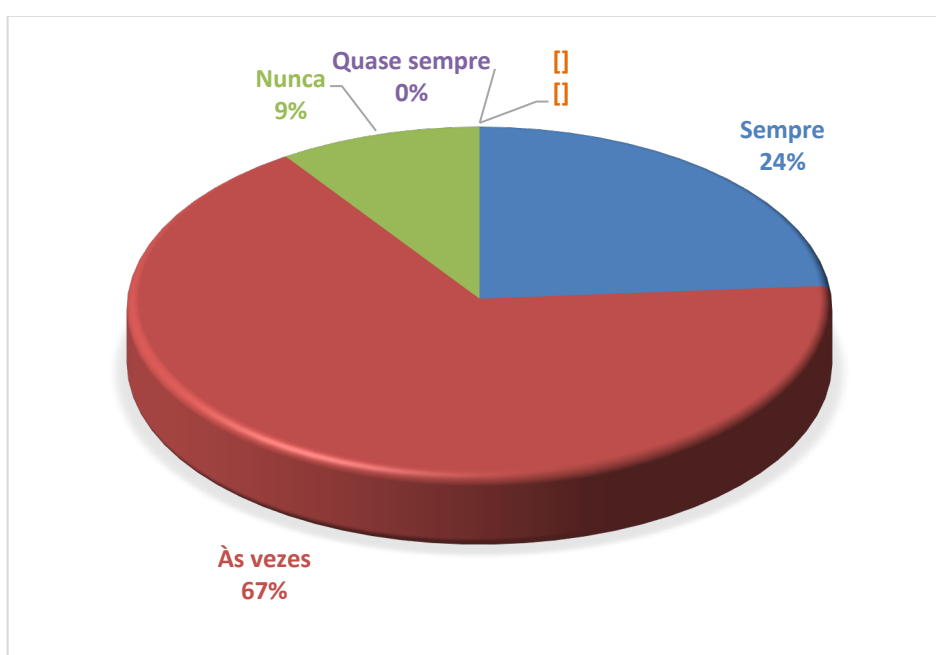
Gráfico 26 – Turma de 2º ano



Na turma do 2º ano metade dos alunos afirmou que nas aulas “sempre” enfrentam dificuldades de entender os textos das matérias. Os demais percentuais se dividem em: 25% do universo pesquisado relatou ter “às vezes”, 15% disse “nunca” e 10% respondeu “quase sempre”, sendo que raramente não teve respostas. É possível reparar que as alternativas que revelam as dificuldades na compreensão dos textos foram maiores do que as que demonstram pouca ou nenhuma dificuldade, assim sendo, percebe-se a necessidade de se estudar as causas que levam a tal realidade.

Tabela 26 – Turma de 3º ano.

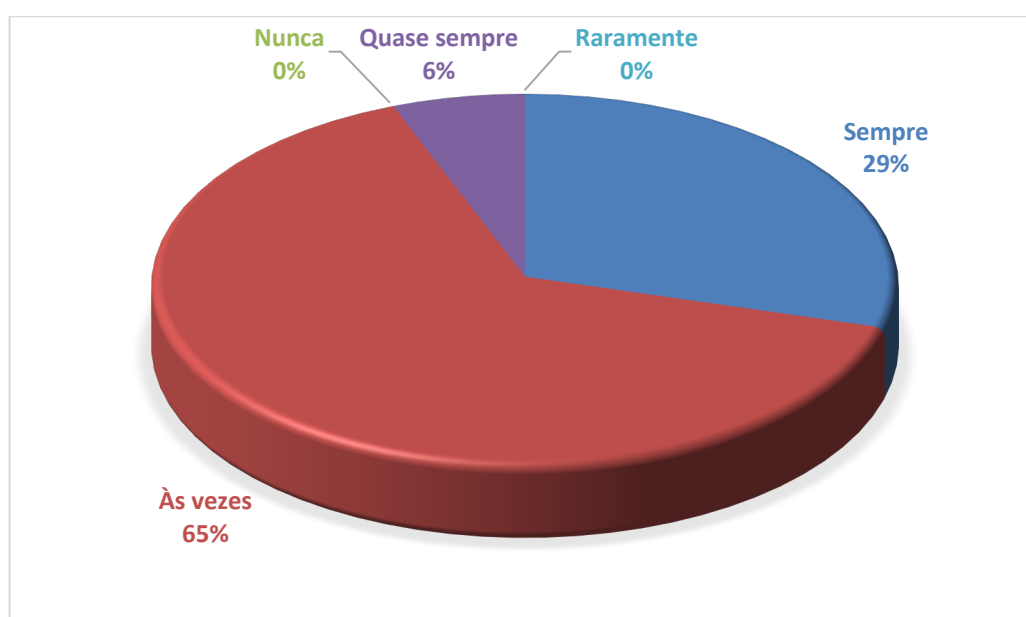
	Valor Absoluto	Percentual
Sempre	5	24%
Às vezes	14	67%
Nunca	2	9%
Quase sempre	0	0%
Raramente	0	0%
Total	21	100%

Gráfico 27 – Turma de 3º ano.

Em relação às respostas dos alunos de 3º ano, mais da metade afirmou que “às vezes” apresenta alguma dificuldade de entender os textos das matérias que estuda, totalizando 67% de universo pesquisado. As alternativas “sempre” e “nunca” atingiram, respectivamente, 24% e 9%. As opções “quase sempre” e “raramente” não foram marcadas nos questionários.

Tabela 27 – Turma de 4º ano.

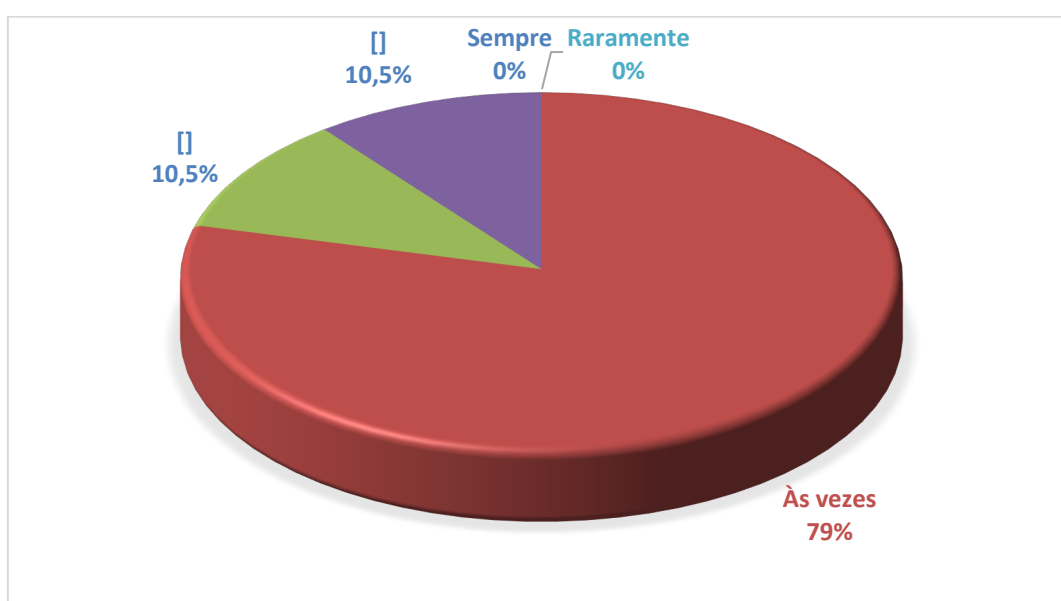
	Valor Absoluto	Percentual
Sempre	5	24%
Às vezes	11	65%
Nunca	0	0%
Quase sempre	1	6%
Raramente	0	0%
Total	17	100%

Gráfico 28– Turma de 4º ano.

O total de 65% dos alunos do 4º ano afirmou ter “às vezes” dificuldades em compreender os textos das matérias, valor bastante idêntico ao apontado pela turma do 3º ano e 14% abaixo da turma do 5º ano. Os dados são ainda mais preocupantes uma vez que 29% dos alunos disseram que “sempre” tem dificuldades e 6% “quase sempre”, ou seja, todo o universo pesquisado apresenta, em alguma medida, dificuldades na compreensão dos textos que são utilizados em sua turma. As alternativas “nunca” e “raramente” não foram pontuadas.

Tabela 28 – Turma de 5º ano.

	Valor Absoluto	Percentual
Sempre	0	0%
Às vezes	15	79%
Nunca	2	10,5%
Quase sempre	2	10,5%
Raramente	0	0%
Total	19	100%

Gráfico 29 – Turma de 5º (A) ano.

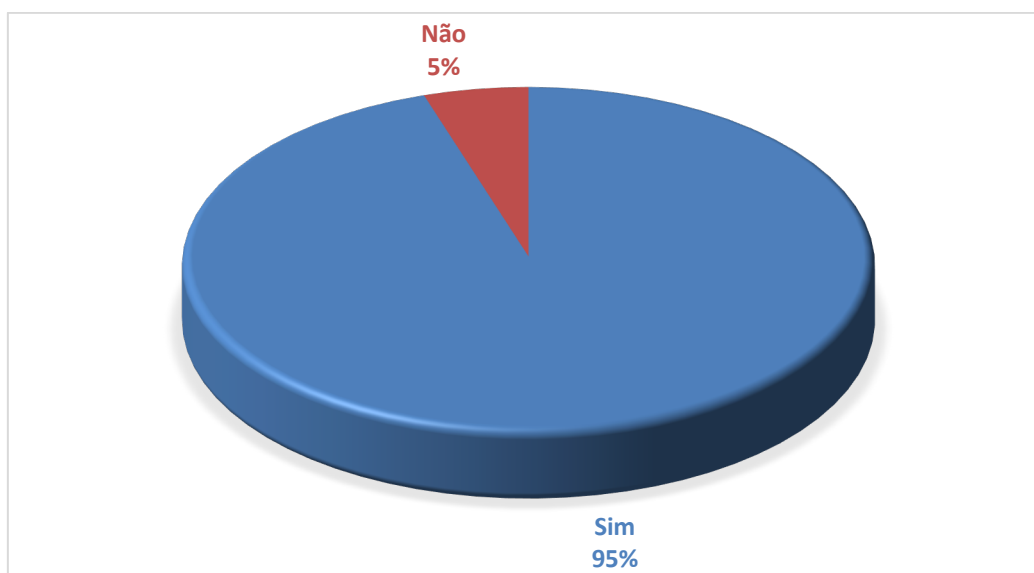
Os dados acima mostram que 79% dos respondentes afirmaram que “às vezes” enfrentam dificuldade na compreensão dos textos das matérias, em seguida as opções “nunca” e “quase sempre” recebem os mesmos valores absolutos - 2 questionários cada, ou seja, 10,5%. As opções “sempre” e “raramente” não foram marcadas.

8. Você gostaria de participar de uma roda de leitura, de diferentes histórias infantis na escola?

Tabela 29 – Turma de 2º ano.

	Valor Absoluto	Percentual
Sim	19	95%
Não	1	5%
Total	20	100%

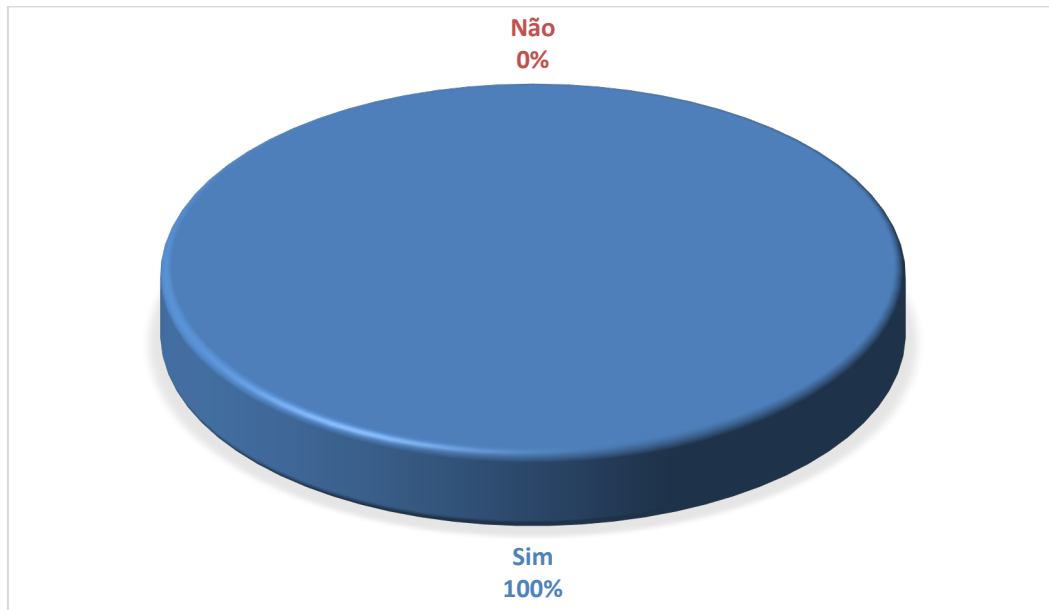
Gráfico 30 – Turma de 2º ano.



Os alunos do 2º ano demonstraram muito interesse em participarem de rodas de leitura uma vez que 95% deles marcaram a opção “sim” e apenas 5% dos respondentes afirmaram que não possuem interesse. A atividade pode auxiliar os alunos a aprimorarem sua capacidade interpretativa e, se implantada, pode acarretar uma redução nas dificuldades apontadas pelos alunos no que se refere ao entendimento das matérias do seu ano, assim como as eventuais dificuldades com outras modalidades de leitura.

Tabela 30 – Turma de 3º ano.

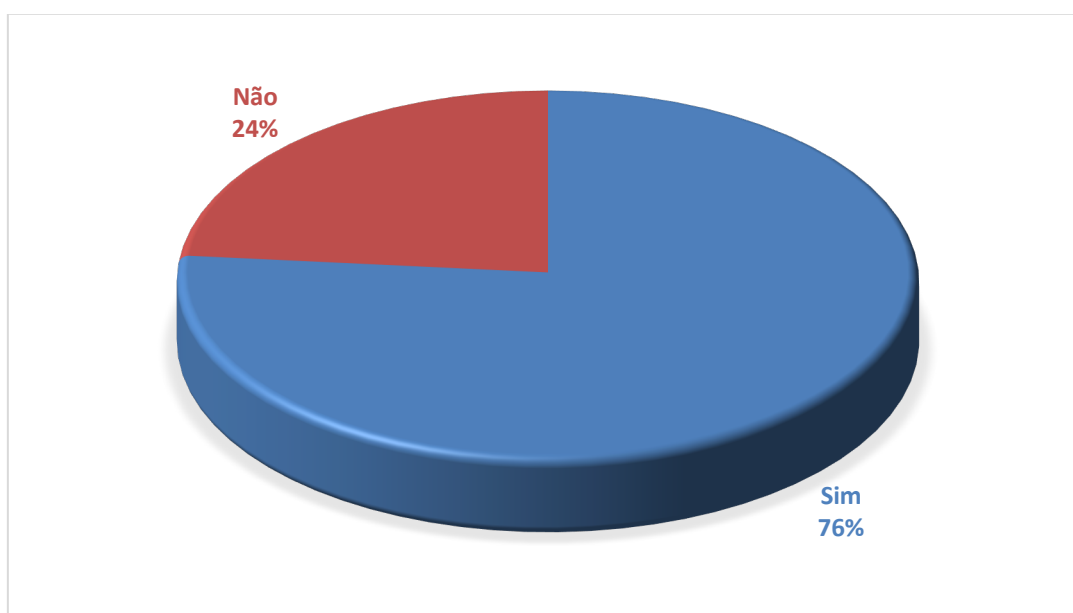
	Valor Absoluto	Percentual
Sim	21	100%
Não	0	0%
Total	21	100%

Gráfico 31 – Turma de 3º ano.

Toda a turma do 3º ano afirmou ter interesse em participar “de uma roda de leitura, de diferentes histórias infantis na escola”, todos os alunos foram unânimes com relação a esta possibilidade, superando assim em percentual a turma anterior.

Tabela 31– Turma de 4º ano.

	Valor Absoluto	Percentual
Sim	13	76%
Não	4	24%
Total	17	100%

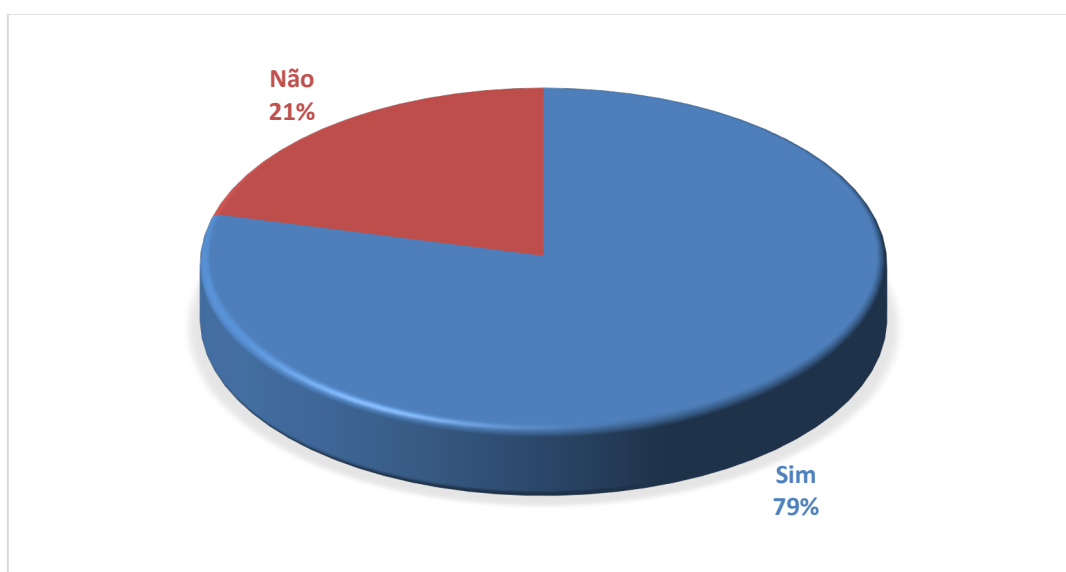
Gráfico 32 – Turma de 4º ano.

Para a turma do 4º ano, 76% demonstrou interesse em “participar de uma roda de leitura de diferentes histórias infantis na escola”, sendo que 24% optou pela alternativa “não”, totalizando o valor de 100% percentuais.

Observa-se um aumento, em relação as turmas anteriores, na quantidade de alunos que optaram por “não” participarem, revelando assim um declínio, quanto ao interesse pela competência e/ou atividade de leitura ou, por se tratarem de alunos mais velhos, se sentem diminuídos por se tratar de histórias infantis.

Tabela 32 – Turma de 5º ano.

	Valor Absoluto	Percentual
Sim	15	79%
Não	4	21%
Total	19	100%

Gráfico 33 – Turma de 5º ano.

A turma do 5º ano apresentou valores muito próximos ao da turma anterior, do 4º ano, uma vez que 79% disse que “sim”, ou seja, “gostaria de participar de uma roda de leitura”, já 21% afirmou que não teria interesse. Constata-se que há uma predominância da alternativa “sim”, no entanto, a existência e permanência dos que optaram por “não” tanto nesta turma como na anterior, demonstrou-se uma perda de interesse pela leitura, entre os estudantes dos anos finais do ensino fundamental I ou, como foi aventado na questão acima, os alunos não demonstram mais interesse pela leitura caracterizada como infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa de campo na escola João Pereira Pinto foi possível perceber que a prática de leitura e produção textual possui uma importância significativa tanto na visão do diretor da escola quanto das professoras pesquisadas.

Os dois segmentos enfatizaram que a aquisição das competências de leitura e interpretação de textos (oral e escrito) são relevantes no processo de alfabetização e primordial principalmente na conclusão do ciclo de alfabetização, como também para que o aluno tenha um bom rendimento/trajetória escolar, além dos benefícios próprios, tais como: o enriquecimento do vocabulário, capacitação na compreensão de ideias, área profissional e conhecimento de “visão de mundo”.

A partir do que foi exposto nos dados referentes à pesquisa de campo, a presença do fator alusivo à importância da aquisição das competências de leitura e produção textual, atrelados aos conceitos e teóricos aqui estudados, foram identificados no construto das aprendizagens dos signos linguísticos, ou seja: sintaxe, semântica, gramática, a “codificação e decodificação” entre outros conhecimentos e conteúdos propostos ao currículo escolar.

A aquisição, portanto, destas competências, são requisitos indispensáveis para que o aluno aprenda Língua portuguesa e Matemática de forma interdisciplinar, e alcance o rendimento escolar requerido no ensino dos anos iniciais do fundamental I, os quais serão base para a continuidade e o bom desempenho escolar no processo de aprendizagem.

Outro aspecto aderido a relevância dessa aquisição outrora destacada, diz respeito a aprendizagem em sala de aula “com e para” a socialização do aluno, metodologias de ensino relacionados aos “códigos linguísticos” citados, de maneira que o professor numa construção crítica e dialética, atue conjuntamente em sala a partir dos conhecimentos prévios dos estudantes, e ao mesmo tempo proporcione que a “leitura da palavra” dê continuidade a esta “leitura do mundo”, conforme Freire (1981, p. 31).

A concordância teórica e prática deste trabalho de monografia se manifestam tanto ao contexto escolar como o social dos estudantes, reflexo este intrínseco à prática docente dos professores. Ao exercer o papel de mediador das aprendizagens, conhecimentos e relações internas ao trabalho docente, o professor

pode favorecer positivamente ou negativamente ao ensino/aprendizagem das competências aqui estudadas.

No sentido de que esta influência do professor seja positiva para que os alunos aprimorem/ desenvolvam melhor a leitura e produção textual, foi notória o entendimento de que a prática docente não tome um formato “mecanizado” conforme discorreu-se nos pressupostos teóricos, ou seja, que o ensino seja concebido por meio de metodologias e recursos os quais envolvam a utilização de diferentes tipos de textos, o uso de imagens e fotografias, jogos, rodas de leituras, dramatizações, leituras individuais e coletivas e/ou a inserção da tecnologia como aliada ao ensino, dentre diversas outras formas de trabalho e atividades estas que sejam atrativas/lúdicas e que abranja ao contexto social do estudante.

Propõe deste modo, que se construa o interesse pela aprendizagem e o mecanismo de novas possibilidades no universo da leitura e escrita tanto para os estudantes quanto para professores e comunidade escolar no geral.

Não há dúvida que a leitura é importante em todos os currículos e níveis de escolarização, pois consiste em uma das competências mais importantes, senão a mais importante, dentre as atividades curriculares do ensino fundamental ao superior. A leitura possibilita que o aluno desenvolva seu “ser crítico” frente as inúmeras maneiras de aprender, proporciona-o a busca por outros meios disponíveis para a aquisição de novos conhecimentos, como por exemplo: jogos educativos (virtuais), pesquisas eletrônicas por meio do Google, entre outras formas que já fazem parte do cenário educacional da atualidade.

Como foi apresentado nos resultados dos questionários aplicados com os alunos do 2º ao 5º ano, na pesquisa de campo, a disciplina de matemática obteve uma preferência superior quanto as demais, inclusive Língua Portuguesa, área em que a leitura e interpretação textual são corriqueiras e valorizadas pelos professores para o ensino da língua materna. Porém, com a confecção de atividades diferentes, as “situações-problemas”, e o apoio de um trabalho lúdico, a leitura pode ser inserida de forma positiva também na disciplina de matemática como nas outras, as quais foram pouco mencionadas pelos alunos.

Um outro ponto positivo com relação ao trabalho de campo, consistiu na análise feita entre as turmas, comparando as respostas de uma mesma pergunta entre elas.

A pesquisa deixou claro a importância da leitura “familiar” no sentido de gerar o hábito e gosto de leitura nos estudantes. Dentre as opções de gênero de leitura: História em quadrinhos, fábulas, contos e livros religiosos, percebe-se que o preferido foi a “história em quadrinhos”, isto reflete além das características intrínsecas ao gênero (ilustrações, dinamismo, etc.), à metodologia de ensino das professoras no uso em comum deste gênero em sala de aula.

Quanto às dificuldades enfrentadas no processo de escolarização e de compressão textual durante as aulas, as professoras ressaltaram os seguintes aspectos: a falta de interesse, de concentração e do hábito de leitura por parte de alguns alunos. Outro problema apresentado são os diferentes níveis de alfabetização da turma na qual lecionam e como foi observado, a existência de limitações devido algum tipo de “deficiência” de alguns alunos, o que requer um trabalho pedagógico mais diversificado.

A maneira com que a escola e, em especial, o professor lida com o ensino da leitura e escrita, a intensidade, os métodos, o incentivo que se oferta, são importantes para que o aluno não perca o interesse ou “a paixão” em ser um leitor ativo, e assim, desenvolva/construa o hábito de leitura.

Algumas possibilidades na busca em estabelecer o hábito de leitura ou mesmo incentivá-lo nas escolas públicas de educação básica, devem ser destacados como: a formação continuada do professor, a valorização e promoção trabalhos que envolvam a interação e compartilhamento de materiais e experiências entre a comunidade interna escolar, o apoio aos projetos de extensão voltados para a promoção da leitura, entre outras formas.

Ao remeter-se à pesquisa feita na escola Municipal João Pereira Pinto, o questionário aplicado confirmou o interesse dos alunos em participar de uma roda de leitura, de diferentes histórias infantis na escola, o que revela ser, um passo interessante quanto à proposta de se criar o hábito de leitura nos alunos. A leitura trabalhada com a criatividade, o dinamismo, o diálogo e brincadeiras, possibilita que os alunos, de acordo com o que se pede em sua faixa etária, construa novas concepções sobre este universo e beneficie tanto o seu rendimento escolar quanto o convívio em sociedade.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. “Para uma história da vida privada”. In: ARIES, Philippe, CHARTIER, Roger (Org.) **História da vida privada: da Renascença ao Século das Luzes: as práticas da escrita**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 3., 1992.

CABRAL, L. S. **Processos psicolinguísticos de leitura e a criança**. Porto Alegre: Letras de Hoje, 1986.

CAVALCANTI, M.C. e Lombello, L.C. **As atividades de leitura e produção de textos e o livro didático**. Campinas: mimeo., 1987.

CHARTIER, Anne-Marie. **Os três modelos da leitura entre os séculos XVI e XXI: como as práticas sociais transformam os métodos de ensino**. Rev. bras. hist. educ., Maringá-PR, v. 16, n. 1 (40), p. 275-295, jan./abr. 2016.

FREIRE, Paulo. **Alfabetização: leitura da palavra leitura de mundo**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990.

_____. “A alfabetização de adultos: crítica de sua visão ingênua, compreensão de sua visão crítica”. In: **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. / São Paulo: Cortez, 2011.

HÉBRARD, Jean. “A lição e o exercício: algumas reflexões sobre a história das práticas escolares de leitura e escrita”. In: **Educação Santa Maria**, v. 32 - n. 01, p. 11-20, 2007. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acessado em: 20/09/2019.

KLEIN, L. R. **Alfabetização: quem tem medo de ensinar**. São Paulo: Cortez, 2002.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Leitura, produção de textos e a escola: reflexões sobre o processo de letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1994.

Santana, Jessé; Neves, Maria. **As variações linguísticas e suas implicações na prática docente**. Millenium, 48 (jan/jun). p. 75-93, 2015.

VYGOTSKY, L. S. “Aprendizagem e desenvolvimento na Idade Escolar”. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2010.

PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS FUTURAS

As experiências durante a visita à escola escolhida para a pesquisa de campo, os diálogos com os professores, e o contato com os alunos ao aplicar os questionários, me possibilitou ver o quão diversificado, múltiplo, desafiante e gratificante, é, o trabalho do professor.

Acredito que esta constante tarefa de ensinar faz parte de nós, e enquanto movido de motivação e competência para assim fazê-lo, podemos exercê-la da melhor maneira possível.

Com a reflexão sobre cada “ação” em sala de aula se faz um caminho propício para pensar a nossa “didática” como professores. Creio que não é apenas uma questão de “tendências pedagógicas”, ou como tanto se fala, de Pedagogia “Tradicional” ou “Histórico-Crítica” por exemplo.

É neste pensamento, que aspiro, desenvolver um trabalho em sala de aula, que abrange cada estudante, como o favorecimento da aprendizagem de competências como: a “Leitura e Interpretação de textos”.

Como descrito no meu memorial, pretendo lecionar na escola a qual pesquisei, e buscar progressivamente o aperfeiçoamento de minha prática educativa, ou seja, a formação continuada. Além do mais, desenvolver projetos interdisciplinares e de “leitura”, os quais promovam o “Hábito de ler”.

APÊNDICE

Modelos das entrevistas com o Diretor e professores, e questionário com alunos:



Prezado(a) Diretor(a),

Peço sua ajuda no sentido de efetuar a pesquisa para a confecção da Monografia de final de curso de Pedagogia em EaD pela Universidade de Brasília **que busca entender a importância da prática de leitura para os alunos das séries** iniciais do ensino fundamental na escola Municipal João Pereira Pinto.

Entrevista com o diretor

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é a sua formação acadêmica?
3. Qual o tempo de atuação na área da educação?
4. Há quanto tempo exerce o cargo de direção nesta escola?
5. Com relação ao ensino da leitura, como o senhor percebe a importância da prática de leitura no processo de aprendizagem dos alunos? Quais atividades/programas foram ou são desenvolvidas (em sua direção) no sentido de aprimorar a leitura e compreensão textual?
6. Nas turmas 2º, 3º e 4º anos do ensino fundamental, quais programas de incentivo à leitura foram ou são apresentados para a direção da escola por parte dos professores? Caso existam, quais destes programas foram implantados?
7. Nas reuniões entre a comunidade escolar, é apresentado alguma dificuldade com relação à leitura e escrita dos alunos do 4º ou 5º anos? Se sim, qual/quais?
8. Como o senhor considera o rendimento escolar dos estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, como diretor da escola, concernente à leitura?

9. Gostaria de relatar alguma experiência positiva entre a comunidade escolar (interna), envolvendo a aprendizagem da leitura dos estudantes do Ensino Fundamental I sob sua direção?
10. A Secretaria Municipal de Educação propõe alguma atividade, ou projetos que envolva a participação de toda a comunidade escolar em atividades ou oficinas de leitura na escola em que o senhor dirige. (Podem ser atividades que envolvam a formação continuada de professores, por exemplo: palestras)?
11. Espaço para complementações do diretor da escola sobre a temática da entrevista, caso queira:



Prezado(a) Professor(a),

Peço sua ajuda no sentido de efetuar a pesquisa para a confecção da Monografia de final de curso de Pedagogia em EaD pela Universidade de Brasília que busca **entender a importância da prática de leitura para os alunos das séries iniciais do ensino fundamental** na escola Municipal João Pereira Pinto

Entrevista com professores (as):

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é a sua formação acadêmica? O senhor (a) leciona quais disciplinas?
3. Há quanto tempo atua na área da educação?
4. Há quanto tempo leciona na escola?
5. Em sua opinião, qual a importância das competências de leitura e interpretação textual para a disciplina que o senhor (a) leciona e para a formação do aluno?
6. Quais atividades são desenvolvidas em sua turma para promover a leitura e a interpretação de textos?
7. Quais as dificuldades na execução dessas atividades?
8. Como o (a) senhor(a) supera as eventuais dificuldades encontradas no ensino da leitura e interpretação textual em suas turmas?
9. Como os alunos costumam responder às atividades desenvolvidas em sua disciplina?
10. O senhor (a) entende a tecnologia como uma ferramenta que pode auxiliar no processo de aprendizagem dos alunos, em particular, para a leitura e interpretação de textos? Como?
11. É comum os professores da escola compartilharem experiências com relação à prática pedagógica?
12. O (a) Sr. (a) já desenvolveu e compartilhou experiências e/ou materiais com outro professor? Se sim, qual/quais?
13. Qual a dica que daria aos futuros professores sobre a prática pedagógica (especialmente sobre o ensino da leitura e escrita de textos) para obter êxito nas atividades em sala de aula?
14. Espaço para complementações sobre a temática, caso queira:



Prezado(a) Aluno(a),

Peço sua ajuda no sentido de efetuar a pesquisa para a confecção da Monografia de final de curso de Pedagogia em EaD pela Universidade de Brasília que busca **entender a importância da prática de leitura para os alunos das séries** iniciais do ensino fundamental, na escola Municipal João Pereira Pinto.

Questionário com alunos:

1. Gênero

() Masculino () Feminino

2. Qual é a sua série

() 2ª série () 3ª série () 4ª série () 5ª série

3. Marque as duas matérias que você prefere:

() Matemática () História () Português () Geografia () Ciências

4. Você gosta de ler?

() Muito () Mais ou Menos () Pouco () Muito Pouco () Não sei ler

5. Quais desses gêneros textuais você já leu sozinho ou com a ajuda de alguém?

- () Contos
- () Fábulas
- () História em Quadrinhos
- () Livros Religiosos
- () Nenhuma das opções

Ex. de contos: **A bela adormecida** ex. de fábulas: **O leão e o ratinho, A Lebre e a tartaruga** / ex. de Histórias em quadrinhos: **A turma da Mônica...**

6. Seus pais (ou quem cuida de você) costuma ler alguma literatura/história infantil para você?

☐ Sempre ☐ Quase Sempre ☐ Às Vezes ☐ Raramente ☐ Nunca

7. Você já ganhou algum livro de presente?

☐ Três ou mais vezes ☐ Duas vezes ☐ Uma vez ☐ Nunca

8. Você apresentou alguma dificuldade no processo de alfabetização?

☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei responder

9. Nas aulas, você tem alguma dificuldade em entender os textos das matérias que você estuda?

☐ Sempre ☐ Quase Sempre ☐ Às Vezes ☐ Raramente ☐ Nunca

10. Você gostaria de participar de uma roda de leitura, de diferentes histórias infantis na escola?

☐ Sim ☐ Não

**Fotografias retiradas durante a pesquisa de campo, na escola
Municipal João Pereira Pinto:**

Figura 2 – Sala de aula da turma de 4º ano.



Foto retirado por aparelho eletrônico, no dia da aplicação do questionário com alunos.

Figura 3 - Foto da sala de aula do 4º ano, no momento em que recolhia os questionários.



Figura 4 – Fotografia do espaço na biblioteca reservado à matemática e à leitura.



Figura 5 – Fotografia do espaço reservado para leitura, na sala de aula do 2º ano.

